

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização / Psicologia da Educação

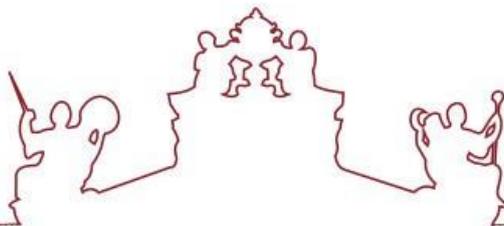
Dissertação

**Memórias das Práticas Parentais e Projeções Parentais
Futuras em Estudantes Universitários: um estudo
exploratório**

Ana Margarida Férias Monteiro

Orientador(es) / Heldemerina Samutelela Pires

Évora 2023



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização / Psicologia da Educação

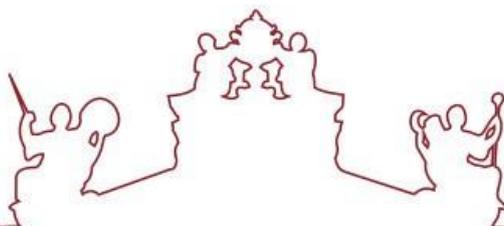
Dissertação

**Memórias das Práticas Parentais e Projeções Parentais
Futuras em Estudantes Universitários: um estudo
exploratório**

Ana Margarida Férias Monteiro

Orientador(es) / Heldemerina Samutelela Pires

Évora 2023



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente / Nuno Rebelo dos Santos (Universidade de Évora)

Vogais / Constança Biscaia (Universidade de Évora) (Arguente)
Heldemerina Samutelela Pires (Universidade de Évora) (Orientador)

Agradecimentos

Ao concluir esta fase importante da minha vida, é fundamental agradecer a todos os que me apoiaram e permitiram que esta dissertação se concretizasse.

À minha orientadora, Professora Doutora Heldemerina Pires, pela orientação, pelos conhecimentos transmitidos, pela sua disponibilidade e apoio prestado. Agradeço por me ter acompanhado e por me incentivar sempre a ultrapassar as dificuldades.

À minha família, mãe, pai e avó, por serem os meus principais pilares, pelo apoio incondicional, por me ajudarem a chegar até aqui, pelas palavras de apoio nos momentos difíceis e pelo incentivo ao longo destes anos. Obrigada por estarem sempre ao meu lado, por nunca me deixarem desistir e pelo amor sem reservas.

Aos meus amigos, os que conheço desde sempre e aos que conheci na Universidade, obrigada por me ouvirem, pela paciência, pela motivação que me deram ao longo dos anos e por todos os conselhos dados no decorrer do processo.

À Teresa Lopes, por toda a dedicação, apoio e ajuda prestada através dos seus conhecimentos em Estatística.

E por fim, mas não menos importante, a todos os participantes, que contribuíram para a realização deste estudo, agradeço pelo tempo disponibilizado.

Resumo

O presente estudo procurou analisar a percepção dos jovens do Ensino Superior relativamente aos seus estilos parentais futuros, tendo por base as suas memórias de infância referentes às práticas parentais dos seus progenitores. A amostra foi constituída por 217 sujeitos: 172 do género feminino e 45 do género masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos. Para a concretização do estudo utilizaram-se três questionários: um questionário sociodemográfico, o *Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour* (EMBU) e o Questionário de Percepções de Estilos Parentais Futuros (QPEPF). Os principais resultados mostram que existe relação entre as memórias de infância relativas às práticas parentais e as projeções parentais futuras dos jovens. Estes resultados evidenciam, primeiramente, uma relação significativa e negativa entre as memórias de sobreproteção e as memórias de rejeição do pai com as projeções do estilo autoritativo. De seguida, indicam uma relação significativa e positiva entre as memórias de sobreproteção do pai e as memórias de rejeição da mãe e do pai com as projeções do estilo autoritário. E, por fim, uma relação significativa e negativa entre as memórias de rejeição da mãe e as projeções do estilo permissivo.

Palavras-Chave: Parentalidade; Estilos parentais; Ensino Superior; Projeções Parentais Futuras.

Memories of Parenting Practices and Future Parenting Projections in University Students: an exploratory study

Abstract

The present study sought to analyze the perception of young people in Higher Education regarding their future parenting styles, based on their childhood memories of their parents' parenting practices. The sample consisted of 217 subjects: 172 female and 45 male, aged between 18 and 30 years. To carry out the study, three questionnaires were used: a sociodemographic questionnaire, the Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour (EMBU) and the Questionnaire of Perceptions of Future Parenting Styles (QPFPS). The main results show that there is a relationship between childhood memories related to parental practices and future parental projections of young people. These results show, first, a significant and negative relationship between memories of overprotection and memories of rejection by the father with projections of the authoritative style. Next, they indicate a significant and positive relationship between the father's overprotection memories and the mother's and father's rejection memories with the projections of the authoritarian style. And, finally, a significant and negative relationship between the mother's rejection memories and the projections of the permissive style.

Key-Words: Parenting; Parenting Styles; Higher Education; Future Parental Projections.

Índice

I.	Introdução e Enquadramento Teórico.....	9
1.1.	Família e Parentalidade.....	10
1.2.	Estilos e Práticas Educativas.....	16
1.2.1.	Modelos explicativos dos estilos parentais.....	17
1.2.1.1.	Modelo de Diana Baumrind (1966).....	17
1.2.1.2.	Perspetiva de Rollins e Thomas (1979).....	19
1.2.1.3.	Modelo de Maccoby e Martin (1983).....	20
1.2.1.4.	Modelo Integrativo de Darling e Steinberg (1993).....	20
1.3.	Impacto dos estilos parentais no desenvolvimento da criança.....	21
1.4.	Memórias de Infância e Transmissão Intergeracional dos estilos parentais.....	24
1.5.	Objetivos do estudo.....	28
II.	Método.....	28
2.1.	Caracterização da Amostra.....	28
2.2.	Instrumentos.....	29
2.2.1.	Questionário Sociodemográfico.....	29
2.2.2.	EMBU.....	29
2.2.3.	Questionário de Perceções de Estilos Parentais Futuros.....	30
2.3.	Processo de Recolha de Dados.....	31
2.4.	Procedimentos Estatísticos.....	31
III.	Resultados.....	32
3.1.	Objetivo 1- Explorar a existência de diferenças entre as memórias das práticas parentais e das projeções parentais futuras em função das variáveis sociodemográficas.....	32

3.2. Objetivo 2- Observar a relação entre as práticas parentais da mãe e as práticas parentais do pai.....	51
3.3. Objetivo 3- Identificar as projeções parentais futuras dos jovens do Ensino Superior...54	
3.4. Objetivo 4- Correlacionar as memórias das práticas parentais com as projeções parentais futuras dos jovens do Ensino Superior.....	55
IV. Discussão dos Resultados.....	58
4.1. Diferenças entre as memórias das práticas parentais e das projeções parentais futuras em função das variáveis sociodemográficas (Gênero, Idade e Grau Acadêmico).....	58
4.2. Relação entre as práticas parentais da mãe e as práticas parentais do pai.....	61
4.3. Projeções Parentais Futuras dos Jovens do Ensino Superior.....	63
4.4. Correlação entre as memórias das práticas parentais e as projeções parentais futuras dos jovens do Ensino Superior.....	64
Conclusão.....	67
Referências Bibliográficas.....	70

Índice de tabelas

Tabela 1. Análise da normalidade multivariada das Memórias das Práticas Parentais em função da Idade.....	32
Tabela 2. Análise da homogeneidade das matrizes de variâncias-covariâncias das Memórias das Práticas Parentais em função da Idade.....	33
Tabela 3. Testes Multivariados (Memórias das Práticas Parentais vs Grupos Etários).....	34
Tabela 4. Análise de Comparações Múltiplas entre as Memórias das Práticas Parentais e os Grupos Etários).....	34
Tabela 5. Análise da normalidade multivariada das Projeções Parentais Futuras em função da Idade.....	36

Tabela 6. Análise da homogeneidade das matrizes de variâncias-covariâncias das Projeções Parentais futuras em função da Idade.....	36
Tabela 7. Testes Multivariados (Projeções Parentais Futuras vs Grupos Etários).....	37
Tabela 8. Teste de igualdade de variâncias do erro de Levene (Projeções Parentais Futuras vs Grupos Etários).....	38
Tabela 9. Testes de efeitos entre os Grupos Etários e as Projeções Parentais Futuras.....	38
Tabela 10. Comparações Múltiplas entre as Projeções Parentais Futuras e os Grupos Etários.....	39
Tabela 11. Análise da normalidade multivariada das Memórias das Práticas Parentais em função do Género.....	40
Tabela 12. Análise da homogeneidade das matrizes de variância-covariância das Memórias das Práticas Parentais em função do Género.....	41
Tabela 13. Testes Multivariados (Memórias das Práticas Parentais vs Género).....	41
Tabela 14. Testes de efeitos entre o Género e as Memórias das Práticas Parentais.....	42
Tabela 15. Análise da normalidade multivariada das Projeções Parentais Futuras em função do Género.....	43
Tabela 16. Análise da homogeneidade das matrizes de variância-covariância das Projeções Parentais Futuras em função do Género.....	44
Tabela 17. Testes Multivariados (Projeções Parentais Futuras vs Género).....	44
Tabela 18. Teste de igualdade de variâncias do erro de Levene (Projeções Parentais Futuras vs Género).....	45
Tabela 19. Testes de efeitos entre o Género e as Projeções Parentais Futuras.....	45
Tabela 20. Análise da normalidade multivariada das Memórias das Práticas Parentais em função do Grau Académico.....	46

Tabela 21. Análise da homogeneidade das matrizes de variância-covariância das Memórias das Práticas Parentais em função do Grau Acadêmico.....	47
Tabela 22. Testes Multivariados (Memórias das Práticas Parentais vs Grau Acadêmico).....	48
Tabela 23. Testes de efeitos entre o Grau Acadêmico e as Memórias das Práticas Parentais.....	48
Tabela 24. Análise da normalidade multivariada das Projeções Parentais Futuras em função do Grau Acadêmico.....	49
Tabela 25. Análise da homogeneidade das matrizes de variância-covariância das Projeções Parentais Futuras em função do Grau Acadêmico.....	50
Tabela 26. Testes Multivariados (Projeções Parentais Futuras vs Grau Acadêmico).....	50
Tabela 27. Testes de efeitos entre o Grau Acadêmico e as Projeções Parentais Futuras.....	51
Tabela 28. Memórias das Práticas Parentais- Comparação entre Mães e Pais (Média, desvio-padrão e Amplitude)	52
Tabela 29. Análise da normalidade das variáveis em estudo- Memórias das Práticas Parentais.....	53
Tabela 30. Correlações obtidas entre as práticas parentais da mãe e as práticas parentais do pai.....	54
Tabela 31. Estatística descritiva das Projeções Parentais Futuras dos jovens do Ensino Superior.....	54
Tabela 32. Correlação entre as Memórias das Práticas Parentais e as Projeções Parentais Futuras dos jovens do Ensino Superior.....	55

Lista de abreviaturas

EMBU- *Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour*

MID - Modelos Internos Dinâmicos

QPEPF - Questionário de Perceções de Estilos Parentais Futuros

SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*

I. Introdução e Enquadramento Teórico

A família diz respeito à primeira instituição onde se estabelecem relações, sendo a principal responsável pela educação e socialização dos seus integrantes (Cardoso & Batista, 2020). De acordo com Amandini (2015 citado em Cardoso & Batista, 2020), a família detém uma memória e uma história que a diferencia das restantes e, conseqüentemente, influencia o modo como os seus membros pensam e se comportam. Por sua vez, esta memória irá influenciar as gerações seguintes e orientará moral e emocionalmente o seu futuro (Cardoso & Batista, 2020).

É possível afirmar que as vivências na infância influenciam os comportamentos futuros de qualquer criança ou jovem, como por exemplo o estilo educativo parental (Falcke, Rosa & Steigleder, 2012). Este é definido a partir das experiências vividas pelos pais na sua família de origem, assim como pelas características pessoais dos indivíduos, juntamente com o contexto onde a socialização é feita (Falcke et al., 2012). Por sua vez, as práticas educativas, em contrapartida, correspondem a estratégias utilizadas pelas figuras parentais, para suprimir comportamentos apontados como inadequados ou estimular o desenvolvimento de comportamentos desejados (Böing & Crepaldi, 2016). Neste sentido, os estilos e as práticas parentais encontram-se, geralmente, associados tendo em conta que o conjunto de práticas educativas utilizadas pelas figuras parentais irá originar o estilo parental (Böing & Crepaldi, 2016). Por outras palavras, a combinação das práticas educativas, determina os diversos estilos parentais (Böing & Crepaldi, 2016).

O pressuposto de que as práticas parentais podem influenciar o desenvolvimento psicossocial da criança tem sido investigado e desenvolvido no decorrer dos anos, por diversos autores (Araújo, 2003). De acordo com esses estudos, experiências precoces, relacionadas com práticas educativas parentais, exercem influência nas estruturas cognitivas responsáveis pelas representações das relações afetivas em fases seguintes do ciclo de vida (Canavarro, 1999; Crook, Raskin & Elliot, 1981 citado em Araújo, 2003).

Alguns estudos demonstram uma relação entre as memórias das práticas de rejeição da parte dos progenitores e os sentimentos de distanciamento com a figura materna (Rodrigues et al., 2004 citado em Cameirinha, 2018). Da mesma forma verifica-se uma relação entre as memórias de falta de cuidados por parte da figura materna e o desenvolvimento de psicopatologias na adolescência, como por exemplo depressão (Mahedy et al., 2014). Para além destes, em estudos com adultos identificou-se um impacto das memórias das práticas educativas parentais com vários domínios como a socialização (Gudjonsson et al., 2006 citado em Cameirinha, 2018), o estilo de vida (Toda, Kawai, Takeo, Rokutan, & Morimoto, 2008 citado em Cameirinha, 2018) e o desenvolvimento de psicopatologias (Akün, 2017 citado em Cameirinha, 2018).

De igual modo, os estilos e práticas parentais que o indivíduo adotará, estão sujeitos à possibilidade de passarem de uma geração para outra (herança transgeracional) através das práticas de socialização (Weber et al., 2006). Neste sentido, estes dados sugerem que os estilos e as práticas parentais tendem a repetir-se, ao serem pais, tendo como base o modelo aprendido na sua família de origem, existindo correlação entre os valores experienciados e os que são transmitidos às futuras gerações (Weber et al., 2006).

Neste sentido, o presente estudo tem como principal objetivo observar se existe relação entre as memórias das práticas parentais ocorridas durante a infância e a adolescência dos jovens estudantes do Ensino Superior e as suas projeções parentais futuras. Pretende-se também averiguar as diferenças entre as memórias dos estilos parentais e as projeções parentais futuras em função de variáveis sociodemográficas.

O estudo encontra-se dividido em duas partes. Na primeira parte apresenta-se uma revisão da literatura onde se abordam a parentalidade, os estilos parentais e o seu impacto no desenvolvimento dos jovens, a importância das memórias de infância e, por fim, a transmissão intergeracional dos estilos parentais. No final da primeira parte expõem-se os principais objetivos delineados para o estudo, seguindo-se, na segunda parte, o estudo empírico onde consta o método. Nesta parte faz-se uma caracterização da amostra, assim como dos instrumentos utilizados no estudo, apresentam-se os procedimentos da recolha de dados e da análise estatística dos mesmos. De igual modo constam os resultados obtidos assentes nos objetivos definidos e, posteriormente, a sua discussão. Por fim, integra-se a conclusão geral aludindo às suas limitações e propostas de investigações futuras.

1.1. Família- Parentalidade

A família representa um todo sistémico, onde são estabelecidas relações entre os seus membros e o exterior, mantendo o equilíbrio no decorrer de um processo de desenvolvimento, realizado por meio de diversos estados evolutivos (Dias, 2011). Essencialmente, a família corresponde a um conjunto de indivíduos unidos pelos laços legais ou biológicos que se *“desenvolvem entre si, de forma sistemática e organizada, interações particulares que lhe conferem individualidade grupal e autonomia”* (Relvas, 2000, p. 24).

De acordo com Relvas (2000), o ciclo vital do sistema familiar divide-se em cinco etapas, sendo que a cada etapa estão associadas determinadas tarefas desenvolvimentais intrínsecas a cada transição. Inicialmente, a família surge com a formação do casal, posteriormente sofre alterações com o nascimento do primeiro filho, quando iniciam a escolaridade, quando se tornam adolescentes

e, posteriormente, adultos (Relvas, 2000). Este processo repete-se cada vez que os filhos saem de casa e formam uma nova família, desenvolvendo um novo sistema familiar (Dias, 2011).

No seio familiar, as relações vão alargando, dando origem a diversos subsistemas, entre os quais o subsistema parental formado por adultos, não necessariamente figuras parentais (e.x. avós, tios ou irmãos mais velhos) (Santos, 2012). Esses elementos exercem funções relacionados com a educação e a proteção dos mais novos (Santos, 2012). Dadas as diferentes funções de cada elemento, importa que as fronteiras entre os subsistemas estejam bem estabelecidas, independentemente dos elementos pertencerem ao mesmo subsistema ou da estrutura familiar se alterar, de forma adaptativa, no decorrer do ciclo vital (Santos, 2012).

A qualidade das relações familiares tem um impacto significativo na estabilidade do sistema familiar, independentemente da sua natureza (Dias, 2015). Este impacto reflete-se sobretudo nas crianças e nos jovens, uma vez que ainda estão a desenvolver a sua personalidade e o seu carácter (Dias, 2015). Sendo a família o primeiro espaço onde se desenvolvem relações, o processo de comunicação define o sucesso ou insucesso do desenvolvimento pessoal e social dos seus elementos e, por sua vez, a sua adaptação no sistema familiar e social (Dias, 2015).

Deste modo, é no sistema familiar que se desenvolvem os primeiros relacionamentos interpessoais e significativos, estabelecendo trocas afetivas que, por sua vez, funcionam como um sistema de apoio crucial quando os jovens atingem a idade adulta (Pratta & Santos, 2007). Essas trocas afetivas que se estabelecem ao longo da vida são cruciais para o desenvolvimento e para a aquisição dos pré-requisitos físicos e mentais para cada etapa de maturação psicológica (Pratta & Santos, 2007). Neste sentido, é por meio do processo de socialização que os indivíduos desenvolvem a sua identidade (Romanelli, 1997 citado em Pratta & Santos, 2007), e adquirem os valores, normas, crenças, ideias, modelos e padrões de comportamento necessários para a sua integração e atuação na sociedade (Pratta & Santos, 2007).

De acordo com Cruz (2005), a parentalidade define-se como o conjunto de ações tomadas pelas figuras parentais, em prol da promoção de um bom desenvolvimento dos filhos, através dos recursos disponibilizados tanto pela família como pela comunidade onde se encontram inseridos. O termo parentalidade encontra-se relacionado com a gestão, por parte dos progenitores ou cuidadores, do processo de educação dos seus filhos, isto é, os cuidados adquiridos e a transmissão de determinados valores por parte dos mesmos (Barroso & Machado, 2010). De acordo com os mesmos autores, pode afirmar-se que a parentalidade abrange todas as ações realizadas pelas figuras parentais, em prol do desenvolvimento e da sobrevivência dos seus descendentes (Barroso & Machado, 2010).

A parentalidade, que normalmente é considerada como uma das transições mais significativas na vida de um indivíduo, promove mudanças profundas em todos os aspetos da família e sinaliza o início de uma nova fase do ciclo de vida ao acrescentar à relação do casal, além da função conjugal, uma nova função, a função parental (Relvas, 2004 citado em Tralhão et al., 2020). Atualmente, a parentalidade não é vista apenas como a inclusão de um recém-nascido na família (Tralhão et al., 2020). Devido às transformações da sociedade, a parentalidade é vista como “*processo maturativo que leva a uma reestruturação psicoafetiva permitindo a dois adultos de se tornarem pais, isto é, de responder às necessidades físicas, afetivas e psíquicas do(s) seu(s) filho(s)*” (Bayle, 2005, p. 322 citado em Tralhão et al., 2020, p. 19).

De acordo com Sotto-Mayor e Piccinini (2005), a gravidez, o parto e o pós-parto são momentos que geram mudanças significativas não só no relacionamento conjugal, como também nos papéis familiares e sociais, e nas rotinas dos diferentes elementos que constituem a família. A transição para a parentalidade envolve a resolução de um conjunto de tarefas desenvolvimentais, individuais, diádicas e familiares tanto para o homem como para a mulher, permitindo uma transição ajustada e, por sua vez, o desenvolvimento de uma parentalidade adequada (Figueiredo & Lamela, 2014). A resolução das tarefas de desenvolvimento promove a transição para a parentalidade, uma vez que é sinónimo de desenvolvimento psicológico e desempenho adequado das funções parentais (Figueiredo & Lamela, 2014).

De acordo com o modelo integrativo de Hoghughi (2004), a parentalidade corresponde ao conjunto de atividades realizadas pelas figuras parentais ou adotivas com o propósito de garantir a sobrevivência e o desenvolvimento da criança. Com base nas propostas desenvolvimentais de Bronfenbrenner (1979) e Belsky (1984), Hoghughi (2004) afirma que a parentalidade engloba onze dimensões subdivididas em três categorias: *Atividades Parentais*, *Pré-Requisitos* e *Áreas Funcionais*. As dimensões permitem não só avaliar as capacidades e competências parentais, como também avaliar as práticas parentais. Relativamente à categoria *Atividades Parentais*, esta corresponde ao conjunto de atividades consideradas fundamentais para uma prática parental adequada (Barroso & Machado, 2010). Dentro desta categoria ressaltam-se as dimensões: *Cuidado* (físico, emocional e social), *Controlo e Disciplina* e *Desenvolvimento*.

Os *cuidados físicos*, enquanto prática parental adequada, é marcada pela preocupação em garantir alimentos, vestuário, cuidados de saúde e higiene, proteção e hábitos de sono (Reader, Duncan & Lucey, 2005 citado em Barroso & Machado, 2010). Da mesma forma, é fundamental que a criança se sinta respeitada, estimada e apreciada e, deste modo, é fundamental a adoção de *cuidados emocionais*, por parte das figuras parentais. A presença destes cuidados facilita o desenvolvimento de uma vinculação segura (O’Connor, 2006 citado em Barroso & Machado,

2010), desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento da criança (Kobak, Cassidy, Lyons-Ruth & Ziv, 2006 citado em Barroso & Machado, 2010). Por último, os *cuidados sociais* permitem que a criança mantenha contacto com os seus pares e adultos de referência e, por sua vez, se torne socialmente competente, integrada e responsiva relativamente à realização de tarefas e nos relacionamentos estabelecidos (Barroso & Machado, 2010).

A dimensão *Controlo e Disciplina* diz respeito ao conjunto de atividades adotadas pelas figuras parentais de modo a impor limites à criança, tendo em conta aspetos relacionados com a cultura e com a idade da criança, com ênfase no controlo comportamental da mesma (Barroso & Machado, 2010). Segundo Hoghughi (2004): “*implicam todas as atividades que os pais realizam com os seus filhos desde o nascimento, incluindo a incitação parental para a realização de determinadas atividades pela criança, a supervisão desse desempenho e o assegurar de que os seus comportamentos permanecem dentro de limites razoáveis*” (Hoghughi, 2004, p. 8 citado em Barroso & Machado, 2010).

Quanto às atividades de *desenvolvimento*, estas relacionam-se com o desejo parental de a criança utilizar todo o seu potencial em todas as áreas de funcionamento (Barroso & Machado, 2010). Contrariamente aos *cuidados*, considerados fundamentais para a sobrevivência da criança, ou nas situações de *controlo*, essenciais para o funcionamento social da criança, as atividades de *desenvolvimento* estão subjacentes a todas as atitudes de encorajamento e de criação de oportunidades (e.x. promoção de competências desportivas, artísticas e/ou culturais e também a estimulação de valores) (Barroso & Machado, 2010).

A segunda categoria corresponde aos *Pré-Requisitos* considerados, por Hoghughi (2004), fundamentais para a prática da atividade parental. A categoria *pré-requisitos* inclui *conhecimentos e compreensão, motivação, recursos e oportunidades* (Barroso & Machado, 2010). No que diz respeito aos *conhecimentos e compreensão* correspondem às competências das figuras parentais em reconhecer as necessidades dos filhos, incluindo a deteção de algum problema ou aconselhar e encorajar positivamente (Barroso & Machado, 2010). O *conhecimento* e a *compreensão* relacionam-se, de certa forma, com o *pré-requisito* da *motivação*, uma vez que o conhecimento, isoladamente, não permitirá obter resultados se não for posto em prática (Barroso & Machado, 2010). Portanto, a *motivação* corresponde aos desejos e compromissos por parte das figuras parentais em direcionar os seus esforços necessários de modo a manter e/ou melhorar a socialização da criança (Barroso & Machado, 2010).

A motivação para a parentalidade prende-se, de um modo positivo ou negativo, com questões ligadas aos papéis sociais e à identidade de cada um dos progenitores (...), exigências profissionais e aceitação da responsabilidade e correspondente autoridade em relação à criança (Barroso & Machado, 2010, p. 216).

Relativamente ao *pré-requisito* dos *recursos* abrange as qualidades parentais, as competências parentais adquiridas tanto de um modo formal (ex.: programas parentais) como de um modo informal (ex.: experiências próprias ou através da observação de outros pais), as redes sociais e os recursos materiais que abrangem os recursos económicos considerados fundamentais para o sustento e para o desenvolvimento da criança (Barroso & Machado, 2010).

Ainda neste contexto, no que concerne às *oportunidades* destacam-se algumas condicionantes que têm influência no processo da parentalidade, tais como o tempo considerado necessário para as figuras parentais exercerem da melhor forma possível as suas atividades parentais (Barroso & Machado, 2010). Este tempo é muitas vezes condicionado pelo envolvimento e pelas obrigações profissionais dos elementos do casal, que acabam por reduzir o tempo despendido com os filhos (Barroso & Machado, 2010).

A categoria *Áreas funcionais* diz respeito a aspetos do funcionamento da criança que necessitam de atenção por parte das figuras parentais (Barroso & Machado, 2010). As *Áreas funcionais* abrangem: a *saúde física*, a *saúde mental*, o *comportamento social* e o *funcionamento educativo e intelectual*. Como o próprio nome indica, a primeira corresponde aos aspetos da saúde física da criança, assim como as necessidades de sobrevivência e o desenvolvimento do seu bem-estar (Barroso & Machado, 2010). Deste modo, é fundamental que os pais focalizem a sua atenção na prevenção de danos e na promoção de oportunidades para um crescimento e desenvolvimento positivo (Barroso & Machado, 2010). A *saúde mental* abrange os pensamentos e sentimentos das crianças relativamente a elas próprias. Neste sentido, as práticas educativas têm um impacto significativo na resiliência dos filhos (Barroso & Machado, 2010). Relativamente ao *comportamento social*, Hoghughi (2004 citado em Barroso & Machado, 2010) realça a importância do esforço que as figuras parentais devem investir de modo a facilitar o desenvolvimento social da criança. Por fim, no *funcionamento intelectual* espera-se que os pais tomem todas as precauções necessárias para aumentar a aquisição de conteúdo académico dos seus filhos, bem como a sua capacidade de trabalhar e na resolução de problemas (Barroso & Machado, 2010).

Tendo por base a complexidade e multidimensionalidade da parentalidade e a sua intervenção no desenvolvimento infantil, Belsky (1984) desenvolveu o modelo teórico-conceitual dos múltiplos fatores determinantes da parentalidade. Estes determinantes foram agrupados em três

categorias, nomeadamente: características individuais dos pais, características pessoais da criança, e fatores contextuais como a rede de suporte, a ocupação e a relação conjugal (Belsky, 1984). Neste sentido, de acordo com o modelo de Belsky, as histórias desenvolvimentais das figuras parentais, assim como o seu relacionamento conjugal e a sua posição profissional, atuam sobre as suas personalidades e estados psicopatológicos e, por sua vez, influenciam o processo de parentalidade que, conseqüentemente, tem impacto no desenvolvimento infantil da criança (Barroso & Machado, 2010).

É importante referir que a parentalidade pode sofrer influências negativas, uma vez que pode ser praticada sem uma ponderação prévia por parte das figuras parentais, caindo na rotina e tornando-se automatizada (Barros, 2015, citado em Santos, 2017).

Os estudos relativos à dinâmica entre pais e filhos demonstram que o interesse dos pais em aprender mais sobre parentalidade adequada é cada vez mais evidente (Santos, 2017). Este interesse prende-se especialmente com questões relacionadas com a educação da criança e os seus níveis de aprendizagem, bem como questões do quotidiano (Santos, 2017).

De modo a considerar-se a parentalidade como adequada, são necessárias diversas características em diferentes momentos do desenvolvimento da criança (e.x. sensibilidade às necessidades físicas e psicológicas da criança nos seus primeiros anos de vida em prol do desenvolvimento de um sentimento de segurança básica ou vinculação segura) (Bowlby, 1988 citado em Figueiredo & Lamela, 2014). Neste seguimento foram desenvolvidos diversos programas de intervenção promocional, preventiva e remediativa de modo a promover comportamentos parentais positivos e a prevenir o abuso e a negligência infantil (Olds, Sadler & Kitzman, 2007).

De acordo com Segrin e Flora (2005 citado em Portugal & Alberto, 2013), a relação entre progenitores e filhos pode ser influenciada por diversos fatores, tais como: o sexo, a estrutura familiar, o nível socioeconómico, a cultura ou local de residência e o nível de escolaridade. Relativamente à influência do sexo, um estudo de McNaughton e Niedzwiecki (2000) demonstra que existe pouca diferença relativamente à forma como os pais comunicam com os filhos ou com as filhas. Apesar disto, verifica-se que os progenitores comunicam mais abertamente com as filhas do que com os filhos, uma vez que as filhas tendem a ser emocionalmente mais expressivas e os filhos apresentam maior contenção na expressão emocional (McNaughton & Niedzwiecki, 2000). Em termos de estrutura familiar, Dunn, Davies, O'Connor e Sturgess (2001 citado em Portugal & Alberto, 2013) descobriram que, em comparação com crianças de famílias nucleares intactas, crianças de famílias reconstituídas desenvolvem relacionamentos menos confiáveis com ambos os pais. No que concerne ao nível socioeconómico, um estudo realizado por Magnuson e Duncan

(2002 citado em Portugal & Alberto, 2013) demonstra que progenitores com baixos rendimentos económicos tendem a utilizar castigos físicos e a adotar estilos comunicacionais mais autoritários. Do mesmo modo, o contexto social em que a família vive intervém nas capacidades de comunicação dos seus integrantes (Portugal & Alberto, 2013). No que diz respeito à influência da cultura podemos verificar, através de um estudo realizado por Wamoyi, Fenwick, Urassa, Zaba e Stones (2010), que filhos de famílias que vivem em contexto rural abordam temas relacionados com a saúde sexual e reprodutiva com os seus progenitores, apesar das controvérsias que estes temas possam apresentar. Contudo, verifica-se também que os filhos apresentam maior confiança em abordar estes temas com a mãe, por medo de comunicar com os pais e, conseqüentemente, serem punidos (Wamoyi et al., 2010). De acordo com estes resultados observa-se também que a abordagem destes temas se encontra limitada por parte dos progenitores, tendo em conta a falta de conhecimentos e as normas culturais que restringem as interações entre sexos opostos (Wamoyi et al., 2010). Por fim, Jiménez e Delgado (2002) comprovam que o nível de literacia dos progenitores tem, de igual modo, influência na comunicação entre pais e filhos, demonstrando que quanto menor for a escolaridade dos progenitores menos frequente será a comunicação parento-filial.

De tudo o que anteriormente foi exposto, depreende-se que a parentalidade pode ser influenciada tanto por fatores intrínsecos como por fatores extrínsecos (e.x. características pessoais dos pais, da criança e do contexto onde a família está inserida, bem como a escola, a rede familiar e a televisão) (Lins et al., 2015). Estes fatores interferem, de igual modo, na perceção dos pais relativamente às suas práticas parentais e, conseqüentemente, na forma como interagem e cuidam dos seus filhos (Lins et al., 2015).

1.2. Estilos e Práticas Educativas

Os pais, sendo os principais agentes de socialização, intentam direcionar o comportamento dos filhos, em prol da aquisição de determinados princípios morais e de comportamentos que conduzam à independência, autonomia e responsabilidade, assim como, reduzir comportamentos considerados pela sociedade como inadequados ou desfavoráveis (Hennig, 2008).

De acordo com uma revisão histórica realizada por Darling e Steinberg (1993 citado em Weber et al., 2004), o conceito de estilo parental compreende o contexto onde os pais influenciam os seus filhos, por meio das suas práticas e com base nas suas crenças e valores. Os estilos parentais dizem respeito ao conjunto de atitudes das figuras parentais em relação aos seus filhos, que são comunicadas aos mesmos e que, conjuntamente, originam um determinado clima emocional no qual os comportamentos (práticas educativas) das figuras parentais são expostos (Darling e Steinberg,

1993). Contrariamente às práticas parentais, os estilos parentais caracterizam-se por serem independentes de circunstâncias específicas, podendo surgir em diversas interações entre pais e filhos (Keith & Christensen, 1997 citado em Oliveira, et al., 2002).

Quanto às práticas educativas parentais, estas definem-se como o conjunto de estratégias e técnicas adotadas pelas figuras parentais, de modo a orientar o comportamento dos filhos (Hennig, 2008) e atingir determinados objetivos específicos em diferentes domínios (académico, social e afetivo), perante dadas circunstâncias e contextos (Hart, Nelson, Robinson, Olsen & McNeilly-Choque, 1998 citado em Ceconello et al., 2003). Hoffman (1975 citado em Marin et al., 2013) classificou as práticas educativas parentais em duas categorias, nomeadamente: práticas indutivas e práticas coercitivas. Em ambos os casos, as estratégias utilizadas têm a finalidade de transmitir à criança o desejo dos pais relativamente a ela manter ou modificar o seu comportamento (Alvarenga & Piccinini, 2001 citado em Marin et al., 2013). Ao contrário das punições dirigidas à criança, as práticas indutivas concentram a atenção da criança nos efeitos do seu comportamento sobre outras pessoas e nas demandas lógicas da situação (Hoffman, 1975 citado em Marin et al., 2013). Estas práticas caracterizam-se, de igual modo, pelos esclarecimentos relativamente às regras, princípios, valores, ensinamentos morais e pelo apelo ao orgulho da criança e ao carinho que a mesma sente pelos seus pais (Grusec & Lytton, 1988 citado em Marin et al., 2013). Por sua vez, as práticas coercitivas distinguem-se pelo uso de força direta e da autoridade dos pais (Hoffman, 1975 citado em Marin et al., 2013). Estas práticas incluem punição física e a perda de privilégios ou ameaças, obrigando a criança a adaptar o seu comportamento a determinadas situações e às respostas punitivas dos seus pais (Marin et al., 2013). Este tipo de práticas desperta nas crianças emoções de medo, raiva e ansiedade, o que interfere na forma como a criança assimila a situação e a imposição para mudar o seu comportamento (Marin et al., 2013).

1.2.1. Modelos explicativos dos estilos parentais

Verifica-se também que existem diversos modelos teóricos que procuram explicar as práticas parentais e os estilos parentais (Darling & Steinberg, 1993).

1.2.1.1. Modelo de Diana Baumrind (1966)

O conceito de estilo parental foi primeiramente abordado por Baldwin em 1949, através de estudos relativamente às consequências em termos de risco e proteção acerca de dois estilos parentais: o estilo democrático-recíproco e o estilo autoritário (Hennig, 2008). O primeiro caracteriza-se pelo envolvimento da criança no processo deliberativo familiar e o segundo por ser

opressor e hostil relativamente aos interesses e vontades da criança (Darling & Steinberg, 1993 citado em Hennig, 2008).

Posteriormente, em 1971, Baumrind deu continuidade à pesquisa iniciada por Baldwin (1949), e com base em dados de observações e autorrelatos de pais, incluiu mais um estilo parental: o estilo permissivo (Oliveira et al., 2002 citado em Hennig, 2008). Neste contexto, o modelo teórico de Baumrind (1971) relativo aos tipos de controle parental foi um marco na pesquisa, uma vez que lançou as bases para um novo conceito de estilos parentais, incorporando aspetos comportamentais e afetivos no processo de criação dos filhos (Costa et al., 2000 citado em Hennig, 2008). E, como consequência, passou a ser possível identificar três estilos parentais: o estilo autoritativo, o estilo autoritário e o estilo permissivo.

Pais que adotam um estilo autoritativo apresentam um equilíbrio entre as suas exigências e as exigências feitas pelos filhos, são afetuosos e responsivos às necessidades da criança, têm uma atitude calorosa e compreensiva e promovem a tomada de decisão, possibilitando o desenvolvimento de habilidades, a autonomia e a individualidade (Baumrind, 1966; 1967; 1971 citado em Cardoso & Veríssimo, 2013). Da mesma forma, estimulam a comunicação aberta e clara, tendo por base o respeito mútuo, a disciplina é imposta de forma indutiva através do estabelecimento de regras que são frequentemente ressaltadas, solicitam e consideram a opinião dos filhos quando conveniente e, por fim, corrigem atitudes negativas e gratificam as atitudes positivas (Baumrind, 1966; 1967; 1971 citado em Cardoso & Veríssimo, 2013).

Contrariamente ao que anteriormente foi mencionado, pais autoritários são rígidos, autocráticos, apresentam altos níveis de exigência através do estabelecimento de regras rigorosas, utilizam a punição física e psicológica para controlar o comportamento da criança, evidenciam a obediência através do respeito à autoridade e à ordem, desvalorizam o diálogo e a autonomia, negando qualquer questionamento ou opinião da criança, exprimem baixos níveis de afeto, e desencorajam a independência e individualidade da criança (Baumrind, 1966; 1967; 1971 citado em Cardoso & Veríssimo, 2013).

No que diz respeito aos pais com um estilo parental permissivo, caracterizam-se por ser tolerantes perante os impulsos e desejos da criança, pouco punitivos, sendo a própria criança a monitorizar o seu comportamento e a tomar as suas decisões e são pouco exigentes relativamente ao cumprimento das regras (Baumrind, 1967; 1971 citado em Cardoso & Veríssimo, 2013). À semelhança dos pais com um estilo autoritário, pais com um estilo parental permissivo são pouco exigentes ao nível da maturidade e a sua comunicação é ineficiente (Baumrind, 1967 citado em Cardoso & Veríssimo, 2013).

1.2.1.2. Perspetiva de Rollins e Thomas (1979)

O estudo sobre as práticas educativas parentais tem vindo a desenvolver-se com base nas consequências das interações dos pais com os filhos e na forma como estas permanecem ao longo do ciclo de vida dos filhos, especialmente através da eternização das memórias relativas a essas mesmas práticas (Canavarro, 1999 citado em Cameirinha, 2018). As memórias de infância relacionadas às práticas parentais têm uma grande influência nas características psíquicas dos indivíduos, não só na infância como também na idade adulta (Cameirinha, 2018).

De entre as diversas perspetivas existentes sobre a temática das memórias de infância, destaca-se a perspetiva de Rollins e Thomas (1979 citado em Cameirinha, 2018), que procurou entender a influência parental na socialização da criança, diferenciando o comportamento parental em duas dimensões: a tentativa de controlo e o suporte emocional (Cameirinha, 2018). Através desta distinção, os autores Arrindel e Van der Ende (1984 citado em Cameirinha, 2018) indicaram três tipos de estilos educativos parentais, nomeadamente: a sobreproteção; o suporte emocional e a rejeição, avaliados pelo *Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour* (EMBU).

Canavarro (1996), no estudo de adaptação do instrumento à população portuguesa, referiu as três variáveis anteriormente mencionadas. Contudo, a sobreproteção foi descrita como o “*comportamento de controlo parental, que comporta intrusão por parte dos pais na vida do filho, contato excessivo e infantilização*” (Canavarro, 1996, p.7). O suporte emocional corresponde aos “*comportamentos dos pais perante o filho que fazem sentir este último confortável na sua presença e lhe confirmam a ideia de que é aprovado como pessoa pelos pais*” (Canavarro, 1996, p.7). Por fim, a rejeição descreve-se como os “*comportamentos dos pais de modificação da vontade dos filhos, sentidos por este como uma pressão para se comportarem de acordo com o desejo dos pais*” (Canavarro, 1996, p. 7).

O estudo de Canavarro (1996) permite verificar que, comparativamente aos estilos parentais de Baumrind (1966), a sobreproteção assemelha-se principalmente com o estilo autoritário, o suporte emocional apresenta uma caracterização mais semelhante ao estilo autoritativo ou democrático e, por último, a rejeição cujas características são mais idênticas com o estilo negligente.

1.2.1.3. Modelo de Maccoby e Martin (1983)

Maccoby e Martin (1983) apresentaram um modelo teórico sobre os estilos parentais, reorganizando a categorização de Baumrind através de duas dimensões consideradas essenciais para as práticas educativas parentais: a exigência (*demandingness*) e a responsividade (*responsiveness*) (Costa et al., 2000).

A responsividade corresponde aos comportamentos de apoio, afeto e ações que estimulam propositadamente a individualidade e autoafirmação da criança e, por sua vez, são indulgentes com as necessidades da criança (Baumrind et al., 2010). A exigência diz respeito aos comportamentos parentais que implicam supervisão e disciplina (Cecconello et al., 2003) e associa-se à prontidão das figuras parentais para enfrentar uma criança desafiadora e exigir um comportamento responsável e a participação nas tarefas domésticas (Baumrind et al., 2010). De acordo com esta conduta, pais autoritários possuem alta exigência e baixa responsividade, os pais autoritativos apresentam alta exigência e responsividade, pais indulgentes detêm baixa exigência e alta responsividade, e pais negligentes baixa exigência e responsividade (Weber et al., 2006).

Por meio destas duas dimensões, o estilo parental permissivo foi dividido em dois: estilo parental indulgente e estilo parental negligente (Maccoby & Martin, 1983). Pais com um estilo parental indulgente não definem regras nem limites, estabelecem poucas exigências de responsabilidade e maturidade, são excessivamente tolerantes, sendo a criança a monitorizar o próprio comportamento, afetivos, comunicativos, recetivos e satisfazem qualquer exigência que a criança apresente (Maccoby & Martin, 1983). Por sua vez, pais com um estilo parental negligente não são afetivos nem exigentes, tendem a manter a distância dos filhos, respondendo apenas às suas necessidades básicas, demonstram pouca socialização e monitorização do comportamento da criança e focam-se essencialmente nos seus próprios interesses (Maccoby & Martin, 1983).

1.2.1.4. Modelo Integrativo de Darling e Steinberg (1993)

De acordo com o modelo integrativo de Darling e Steinberg (1993) os estilos parentais e as práticas parentais derivam diretamente dos objetivos e valores dos pais. Segundo os mesmos autores, as atitudes parentais afetam o desenvolvimento da criança em diferentes processos, e as práticas parentais têm impacto direto em determinados comportamentos da criança. Por meio desse modelo, entende-se que as práticas parentais têm efeitos específicos sobre resultados específicos do desenvolvimento da criança/adolescente. No entanto, o estilo parental afeta o desenvolvimento das crianças, nomeadamente através de efeitos moderadores na relação entre as práticas parentais e os resultados do desenvolvimento, e afeta também a abertura das crianças aos processos de

socialização parental. Todavia a abertura da criança à socialização modera os efeitos da parentalidade no seu desenvolvimento (Darling & Steinberg, 1993).

1.3. Impacto dos Estilos Parentais no desenvolvimento da criança

De acordo com a literatura, o principal fator que desencadeia problemas de saúde mental nos jovens e adolescentes são os estilos parentais adotados pelos seus modelos de referência (Weber et al., 2004). Assim sendo, importa perceber de que forma cada estilo parental influencia o desenvolvimento psicológico, emocional e social dos jovens.

Práticas de disciplina rígidas e ineficazes, assim como estilos parentais que não fornecem apoio ou não são responsivos, foram identificados como fatores de risco para o surgimento precoce de comportamentos antissociais e baixa aptidão social em crianças (Hawkin et al., 1998 citado em Mateus, 2016). Por sua vez, pais que demonstram ser emocionalmente positivos e que manifestam preocupação relativamente aos comportamentos pró-sociais dos filhos, contribuem para um desenvolvimento dos jovens com menos hostilidade e com competências de autorregulação (Mateus, 2016). Deste modo, corrobora-se a teoria de que estes tipos de competências parentais representam fatores protetores na prevenção de problemas de comportamento dos jovens (Mateus, 2016).

No que diz respeito ao impacto dos estilos parentais no desenvolvimento dos jovens, verifica-se que as crianças cujos pais apresentam um estilo parental autoritário tendem a possuir um baixo autoconceito, a serem mais *“apreensivas, receosas, inseguras, agressivas, dependentes, socialmente inibidas (...) e a ter mais comportamentos de externalização e delinquência”* (Baumrind, 1967, citado em Cardoso & Veríssimo, 2013, p. 394). As raparigas possuem elevados níveis de assertividade social, comparativamente com os rapazes, cujos pais apresentam um estilo autoritativo, uma vez que tendem a ser mais dependentes e dominadores, e os rapazes mais hostis e resistentes às regras (Baumrind, 1967, citado em Cardoso & Veríssimo, 2013).

Por sua vez, filhos de pais autoritativos apresentam melhor desempenho académico, mais competência, são mais sociáveis e, por sua vez, demonstram ter menos problemas de internalização e externalização (Baumrind, 1966 citado em Cardoso & Veríssimo, 2013). Relativamente às diferenças de sexos, verifica-se que as raparigas são mais *“independentes, intencionais, dominantes e orientadas para a realização”* (Baumrind, 1971, citado em Cardoso & Veríssimo, 2013, p. 395), e os rapazes são socialmente mais responsáveis, maduros e altruístas (Baumrind, 1971, citado em Cardoso & Veríssimo, 2013).

Um estilo permissivo manifesta influência negativa no desenvolvimento acadêmico e social dos jovens, especialmente no que concerne à assertividade e responsabilidade social (Cardoso & Veríssimo, 2013). Verifica-se também dificuldades na autonomia, na regulação das emoções, no autocontrole, autoestima e autoconfiança, imaturidade, dependência, impulsividade, entre outras (Baumrind, 1967, citado em Cardoso & Veríssimo, 2013).

Relativamente ao estilo indulgente, verifica-se que os filhos apresentam rendimentos escolares mais baixos, maior insegurança, baixa autoestima e dificuldades ao nível do bem-estar psicológico e, por sua vez, maior agressividade, impulsividade e problemas de comportamento (Reis, 2011). Por fim, no que concerne ao estilo parental negligente, os filhos apresentam menores competências sociais, cognitivas e psicossociais, problemas de comportamento, baixos índices de ajustamento e elevado disfuncionamento psicológico e comportamental (Darling et al., 1992 citado em Reis, 2011).

Deste modo, é possível concluir que, comparativamente ao estilo parental autoritativo, os estilos parentais autoritário e permissivo estão tipicamente associados a comportamentos mais disfuncionais e patológicos (Quintal, 2021). Esta diferença deve-se ao facto destes dois estilos parentais se caracterizarem por uma interação pobre entre pais e filhos e pela falta de demandas dos pais relativamente ao desenvolvimento dos filhos (Baumrind, 1967 citado em Quintal, 2021).

O estilo parental autoritativo é considerado por Baumrind como o estilo ideal, tendo em conta que promove um desenvolvimento físico e psicológico mais positivo (Darling & Steinberg, 1993). As figuras parentais que adotam este estilo parental tendem a encorajar a comunicação aberta com os filhos, a promover a sua autonomia e individualidade (Cardoso & Veríssimo, 2013). O apoio, a proteção e a segurança oferecidos aos filhos pelos pais que exercem este estilo parental estão diretamente relacionados com a melhoria da qualidade de vida e do funcionamento familiar (Monaghan et al., 2012 citado em Quintal, 2021).

Os estilos parentais têm, igualmente, um grande impacto nos padrões de vinculação das crianças (Safdar & Zahrah, 2016). A Teoria da Vinculação, elaborada por Bowlby (1969 citado em Azevedo & Ferreira, 2020) impulsionou a investigação científica referente às interações entre as crianças e as suas figuras parentais. Define-se vinculação como o laço afetivo que une a criança e os seus pais, ao longo do tempo, e se manifesta como um desejo de proximidade em momentos de necessidade ou ameaça (Bowlby, 1969; Ainsworth, 1989 citado em Azevedo & Ferreira, 2020).

Este vínculo estabelecido entre as crianças e os pais pode, efetivamente, ter impacto no desenvolvimento de relações com os pares e, do mesmo modo, surtir efeitos na manutenção dos seus relacionamentos íntimos (Safdar & Zahrah, 2016). Posto isto, verifica-se que “*quanto maior o*

vínculo entre os pais e a criança, maior será o vínculo entre os relacionamentos posteriores da criança” (Bowlby, 1969 citado em Safdar & Zahrah, 2016, p. 24).

Independentemente do estilo parental utilizado pelos pais, as crianças acabam sempre por desenvolver um vínculo com os mesmos (Safdar & Zahrah, 2016). Contudo, devido às diferenças entre os mesmos, consideram-se dois padrões de vinculação, nomeadamente: o padrão seguro e o padrão inseguro (Safdar & Zahrah, 2016). Relativamente ao padrão seguro tem por base respostas positivas e cuidadosas dos pais para com os filhos (Safdar & Zahrah, 2016), proporcionando um decréscimo do medo e da ansiedade e a segurança essencial para a exploração (Pinhel et al., 2009). Contrariamente, o padrão inseguro tem por base atitudes insensíveis e irresponsáveis por parte dos pais (Appleyard & Berlin, 2007 citado em Safdar & Zahrah, 2016) e pode retratar dois tipos de situações (Machado, 2007). Por um lado, o jovem sente que não pode contar com as suas figuras parentais, especialmente quando mais necessita, o que pode levar ao desenvolvimento de estratégias de negação dessa necessidade e, conseqüentemente, a um *padrão inseguro de evitamento* (Machado, 2007, p. 9). Por outro lado, pode decorrer uma alteração da qualidade das respostas da figura de vinculação, impossibilitando o jovem de desenvolver expectativas e, em consequência, evitar comportamentos de aproximação ou superestimar os sintomas de ansiedade, sem garantias de ser ajudado- *padrão inseguro ambivalente ou ansioso* (Machado, 2007, p. 9).

Bowlby (1969/1982) baseou-se no conceito dos Modelos Internos Dinâmicos (MID) para relacionar o estabelecimento de relações de vinculação no decorrer da infância, o desenvolvimento e a saúde mental (Maia et al., 2014).

Os MID representam componentes afetivos e cognitivos, habitualmente não conscientes, que formam representações mentais generalizadas e tendencialmente estáveis sobre o self, os outros e o mundo (Pinhel et al., 2009, p. 510).

Estes modelos são modificados ao longo do tempo, através da integração das experiências relacionais relevantes, e progridem para um conjunto de crenças organizadas sobre aceitação, proteção, conforto e ajuda (Maia et al., 2014). Deste modo, funcionam como guias para interpretar eventos interpessoais, definir expectativas e direcionar o comportamento em interações futuras (Bowlby, 1998 citado em Pinhel et al., 2009).

As representações, que se tornam abstratas e generalizadas com o desenvolvimento, influenciam os indivíduos ao longo da sua vida, e atuam como modelos implícitos para o estabelecimento e funcionamento dos relacionamentos íntimos (Bowlby, 1973; 1988 citado em Monteiro et al., 2015). Neste tipo de relacionamentos verifica-se a presença do fenómeno da base segura, explicado anteriormente, especialmente nas relações românticas e de parentalidade

(Bowlby, 1973; 1988 citado em Monteiro et al., 2015). Estes dados permitem aferir a possibilidade de que os jovens, quando se tornam adultos, tendem a reproduzir com os seus filhos, por vezes inconscientemente, os mesmos modelos de interação que presenciaram durante a sua infância e adolescência, verificando-se, deste modo, uma “*repetição transgeracional dos padrões de vinculação*” (Bowlby, 1984 citado em Pinhel et al., 2009, p. 510).

1.4. Memórias de Infância e Transmissão Intergeracional dos estilos parentais

A formação de memórias de infância ocorre, aproximadamente, aos três anos e meio de idade, sendo esta idade intitulada de *compensação da amnésia infantil* (Wang & Peterson, 2014, p. 1680). Todos os episódios que ocorrem posteriormente tornam-se disponíveis para a memória consciente do adulto (Wang & Peterson, 2014).

De acordo com o autor Thomson (2008 citado em Cameirinha, 2018), o desenvolvimento de competências cognitivas específicas resulta da associação entre os diversos tipos de memórias e os diferentes tipos de conteúdos que adquirimos ao longo do nosso desenvolvimento. Inicialmente, quando a memória é formada, o processamento de informação pode não coincidir com a experiência real e, conseqüentemente, o traço mnésico ficará de igual modo alterado (Fonagy, 2001 citado em Cameirinha, 2018). Apesar destas incompatibilidades entre as memórias e a realidade, são através das experiências precoces das práticas educativas que o jovem organiza as informações mnésicas que, por sua vez, lhe permitem desenvolver expectativas e prever o mundo relacional (Perris & Andersson, 2000 citado em Cameirinha, 2018).

Previamente a analisarmos as memórias relativas às práticas educativas parentais, importa referir que existem diversos tipos de memórias. De acordo com Connerton (1999 citado em Hennig, 2008), as memórias podem agrupar-se em três grupos, nomeadamente: memórias pessoais, memórias cognitivas e memórias-hábito. As memórias pessoais dizem respeito aos atos de rememoração que compõem a história de vida de cada pessoa (Hennig, 2008). As memórias cognitivas abrangem as recordações relativas ao significado de palavras, de piadas, de histórias, do esboço de uma cidade, de equações matemáticas, de princípios da lógica ou de factos em relação ao futuro (Hennig, 2008). Por fim, a memória-hábito refere-se à capacidade de reproduzir uma ação, como por exemplo ler, escrever, andar de bicicleta, entre outros (Hennig, 2008). As memórias acerca das práticas educativas parentais incluem-se no grupo das memórias pessoais, uma vez que “*se localizam num passado pessoal e a ele se referem*” (Hennig, 2008, p. 38).

Os estudos empíricos que abordam a temática das memórias de infância são diversos, contudo, para o presente estudo, destaca-se um em específico. De acordo com McFarland-Piazza et al., 2012 citado em Cameirinha, 2018), as memórias de infância referentes às práticas educativas parentais têm um forte impacto na forma como o jovem se irá relacionar no futuro, enquanto adulto, com os próprios filhos. Os resultados deste estudo demonstram que, por exemplo, a memória de um adulto que sofreu negligência por parte da mãe, relacionou-se com uma maior sensibilidade e menor hostilidade para com os seus filhos (McFarland-Piazza et al., 2012 citado em Cameirinha, 2018).

Contudo, ao estudar a relação entre as memórias de infância e os estilos parentais, não podemos ter em conta apenas as experiências que o indivíduo viveu enquanto filho, mas também a sua realidade cultural (Weber et al., 2006). De acordo com a perspetiva do curso de vida, experiências vividas posteriormente, podem proporcionar mudanças e alterar as trajetórias de desenvolvimento do indivíduo (Rothrauff et al., 2009). Deste modo, mesmo que as experiências de infância tenham sido negativas, o indivíduo pode atingir um funcionamento positivo na idade adulta (Elder, 1998 citado em Rothrauff et al., 2009). Tal facto deve-se à diversidade de experiências e agentes socializadores que se expandem na idade adulta e, conseqüentemente, influenciam positivamente o desenvolvimento do indivíduo, reduzindo o impacto entre a paternidade precoce e os seus resultados (Rothrauff et al., 2009).

Segundo Schofield e Abraham (2017 citado em Cardoso & Batista, 2020), as crianças tendem a considerar os pais como os seus principais socializadores, uma vez que são quem as instrui e as modelam de acordo com as normas e as atitudes aceites pela sociedade. De acordo com estes autores, a influência dos pais assenta sobretudo nas crenças, nos posicionamentos religiosos, quando estes existem, nos valores e na perceção dos mesmos em relação ao mundo (Cardoso & Batista, 2020).

Os estudos sobre a transmissão geracional ressaltam, principalmente, a importância do suporte e do apoio familiar (Cardoso & Batista, 2020). O apoio familiar, quando captado de forma positiva, tende a resultar em comportamentos positivos, o que, por sua vez, aumenta a sensação de bem-estar entre os membros da família. Por sua vez, a falta de suporte resulta em expressões de humor negativo e discórdias familiares (Chang et al., 2017 citado em Cardoso & Batista, 2020). O apoio familiar, segundo Soenens et al., (2007 citado em Cardoso & Batista, 2020) e Chang e os seus colaboradores (2017 citado em Cardoso & Batista, 2020), é fundamental no processo de socialização e aprendizagem dos filhos, uma vez que as figuras parentais são consideradas como modelos positivos no que diz respeito à demonstração de empatia, na promoção de afeto, nos cuidados e na transmissão de conhecimentos (Cardoso & Batista, 2020). A transmissão de empatia por parte destes modelos positivos é fundamental, uma vez que permite a transmissão

intergeracional de empatia e, por sua vez, permite que as crianças e adolescentes, quando se tornarem adultos, possam transmitir esses conhecimentos e comportamentos aos seus filhos (Cardoso & Batista, 2020).

Para além da transmissão de suporte familiar, a literatura aborda, de igual modo, a intergeracionalidade familiar relativamente aos estilos parentais (Cardoso & Batista, 2020). O conceito de intergeracionalidade dos estilos parentais é definido por Feldman e Goldsmith (1986 citado em Lopes & Vicente, 2012) como a influência das experiências vivenciadas pelos pais quando eram crianças e que se refletem nas atitudes e práticas educativas diante dos filhos. Por outras palavras, Van IJzendoorn (1992 citado em Lopes & Vicente, 2012) definiu transmissão intergeracional dos estilos parentais como o *“processo onde uma geração anterior influencia psicologicamente (direta ou subentendidamente) as atitudes e comportamentos que a geração posterior vai adotar para educar os seus filhos”* (Lopes & Vicente, 2012, p. 5).

Os estudos relativos à transmissão intergeracional dos estilos parentais procuram investigar se certos estilos são mais adequados do que outros durante o processo de criação dos filhos (Cardoso & Batista, 2020). No mesmo seguimento, exploram também se os filhos, futuramente, replicam os estilos parentais que observaram nas figuras parentais no decorrer da sua infância e adolescência (Cardoso & Batista, 2020).

A conceção de que a parentalidade pode receber influências intergeracionais é defendida por diversas teorias, nomeadamente: a teoria familiar sistémica, a teoria da aprendizagem social e a teoria da vinculação (Marin et al., 2013). Estas teorias diferem entre si devido às suas características epistemológicas peculiares no que diz respeito aos mecanismos acionados para justificar essa influência, contudo todas partilham a ideia de que certas normas interpessoais foram adotadas como resultado da interação com a família (Belsky et al., 2009 citado em Marin et al., 2013). A teoria familiar sistémica aborda a influência de determinados padrões evidentes nas famílias e que resultam no desenvolvimento de modelos (Ângelo, 1995 citado em Marin et al., 2013), conscientes ou inconscientes, relativamente ao que se deve fazer ou evitar nas relações seguintes (Falcke et al., 2005; Miermont, 1994 citado em Marin et al., 2013). Por sua vez, a teoria da aprendizagem social destaca os fatores comportamentais adquiridos, abrangendo o reforço de determinados comportamentos individuais e o processo de modelagem que equivale à observação dos comportamentos por parte de outras pessoas (Bandura, 1977 citado em Marin et al., 2013). Embora alguns estudos explorem explicações genéticas para justificar o comportamento agressivo, verifica-se que a exposição a comportamentos abusivos e de autoridade é uma das principais causas para a transmissão deste tipo de comportamento (Cardoso & Baptista, 2020). Por último, a teoria da vinculação evidencia que as primeiras experiências com as figuras de vinculação conduzem ao

desenvolvimento de modelos operacionais relativamente aos próprios e dos outros que, por sua vez, terão impacto nas relações futuras (Bowlby, 1982; 2001 citado em Marin et al., 2013) e servirão como suporte no processo de parentalidade, por meio da replicação e da correção de experiências anteriores (Byng-Hall, 1990 citado em Marin et al., 2013).

Para além destas três teorias também Simons et al. (1991 citado em Hennig, 2008) propõem três explicações para a transmissão intergeracional, nomeadamente: 1) os pais que experimentaram altos níveis de disciplina severa na infância podem desenvolver uma ideologia que apoie a severidade e a disciplina física e justifique como eles criam ou educam os filhos; 2) essa abordagem pode levar à aquisição de várias técnicas de disciplina agressivas que serão aplicadas no futuro; e 3) uma personalidade hostil e agressiva influencia de igual modo, uma vez que os pais preferem usar comportamentos agressivos com outros, incluindo com os seus próprios filhos (Hennig, 2008).

Contudo, Ceconello (2003 citado em Hennig, 2008) afirma que é possível, em certas situações, interromper o ciclo de violência nas famílias cujos pais sofreram altos níveis de maus tratos e de abuso na infância e adolescência. Alguns dos fatores que permitem essa interrupção são: a preservação de um relacionamento amoroso estável; a realização de psicoterapia; e a participação em grupos de autoajuda e em redes de apoio social (Hennig, 2008). De acordo com Belsky et al. (2003 citado em Weber et al., 2006) as relações de intergeracionalidade, verifica-se também que ambientes familiares positivos beneficiam as relações futuras entre pais e filhos.

Nos estudos sobre intergeracionalidade, destaca-se essencialmente o papel da figura materna e a sua contribuição na educação dos filhos, considerando a sua função mais consistente e próxima comparativamente com a função do pai (Vitali, 2004 citado em Weber et al., 2006). Deste modo, é possível verificar que, geralmente, o estilo parental da mãe é herdado com maior frequência (Weber et al., 2006).

Do mesmo modo, Maia e Willians (2005 citado em Hennig, 2008) analisaram os fatores de risco e de proteção ao desenvolvimento infantil e, como referência a Barnett (1997 citado em Hennig, 2008), argumentaram que 30% das crianças que sofrem maus tratos na infância irão abusar ou negligenciar os seus filhos no futuro. Na mesma sequência, 70% dos pais que maltratam os filhos, sofreram abusos quando eram crianças (Hennig, 2008). Barnett (1997 citado em Hennig, 2008) menciona, de igual modo, que uma grande percentagem dos pais apresenta características que poderão ser prejudiciais para os seus filhos, no entanto a maioria não possibilita que essas características afetem nos cuidados e na educação dirigida aos mesmos a eles (Hennig, 2008).

Por fim, importa citar o estudo de Ehrensaft e Cohen (2003 citado em Weber et al., 2006), os quais analisaram uma geração de crianças por um período de vinte anos. Perante as suas observações, os autores concluíram que as crianças expostas à violência no decorrer da sua infância, apresentam maior probabilidade de se tornarem adultos agressivos no futuro. Considerando o que anteriormente foi exposto, torna-se pertinente explorar a importância de uma melhor compreensão sobre transmissão intergeracional dos estilos e práticas parentais, de modo a romper com padrões inadequados de comportamento parental (Weber et al., 2006).

Assim, o presente estudo tem como objetivo geral observar se existe relação entre as memórias das práticas parentais ocorridas durante a infância e a adolescência em jovens do Ensino Superior e as suas projeções parentais futuras.

1.5. Objetivos do estudo

O presente estudo apresenta um carácter exploratório. Do objetivo geral supracitado decorrem os seguintes objetivos específicos: explorar a existência de diferenças na relação entre as memórias e as projeções parentais futuras em função das variáveis sociodemográficas (e.x., Idade, Género e Grau Académico); observar se existe relação entre a prática parental da mãe e a prática parental do pai, de acordo com a perceção do jovem; e identificar as projeções parentais futuras dos jovens participantes no estudo.

II. Método

2.1. Caracterização da Amostra

O presente estudo é constituído por uma amostra de 217 alunos do ensino superior, com idade compreendida entre os 18 e os 30 anos. A amostra (N=217) é composta por 172 (79,3%) participantes do género feminino e 45 (20,7%) do género masculino. No que diz respeito às idades, estas situam-se entre os 18 e os 30 anos, apresentando uma média de 21,76 anos de idade ($DP=2,931$). Relativamente ao grau académico, 159 (73,3%) indivíduos encontram-se na Licenciatura, 51 (23,5%) no Mestrado e 7 (3,2%) no Doutoramento. Através do questionário sociodemográfico verificou-se também se os estudantes possuem morada diferente do agregado familiar durante o período letivo. Posto isto, 157 (72,4%) são alunos deslocados durante o período letivo e 60 (27,6%) alunos residem com o agregado familiar durante o período letivo.

Por fim, no que se refere às habilitações literárias dos pais dos participantes e às suas profissões, verificou-se que, relativamente às habilitações literárias dos pais, 54 (24,9%) possuem o Ensino Secundário ou Profissional, 54 (24,9%) um Grau Académico Superior, 48 (22,1%) o 3º Ciclo do Ensino Básico, 35 (16,1%) o 2º Ciclo do Ensino Básico e 26 (12%) o 1º Ciclo do Ensino Básico. Relativamente às habilitações literárias das mães, verificou-se que 73 (33,6%) possuem o Ensino Secundário ou Profissional, 68 (31,3%) um Grau Académico Superior, 40 (18,4%) o 3º Ciclo do Ensino Básico, 22 (10,1%) o 2º Ciclo do Ensino Básico e 14 (6,5%) o 1º Ciclo do Ensino Básico. No que diz respeito às profissões dos pais destacam-se os especialistas das atividades intelectuais e científicas (N=15) (7%), oficiais das Forças Armadas (N=8) (3,7%), reformados (N=8) (3,7%) e trabalhadores qualificados na indústria, construção e artífices (N=7) (3,2%). Por sua vez, nas mães, destacam-se as especialistas das atividades intelectuais e científicas (N=33) (15,5%), trabalhadoras de limpeza (N=29) (13,6%) e desempregadas (N=15) (7%).

2.2. Instrumentos

Para recolher os dados do presente estudo, foram aplicados três instrumentos: um Questionário Sociodemográfico construído especificamente para este estudo, o *EMBU- Memórias de Infância*, na versão portuguesa (Canavarro, 1996) e o *Questionário de Perceções acerca de Estilos Parentais Futuros* (Reis, 2011).

2.2.1. Questionário Sociodemográfico

Foi construído um questionário sociodemográfico com vista à caracterização sociodemográfica dos participantes, deste modo, foram recolhidas informações relativas ao género, idade, grau académico, universidade, curso, morada durante o período letivo, habilitações literárias do pai e da mãe e profissão do pai e da mãe.

2.2.2. EMBU- Memórias de Infância

O *Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour (EMBU)* foi construído por C. Perris, L. Jacobson, H. Lindstrom, L. Van Knorring e H. Perris (1980 citado em Canavarro, 1996). A sua versão portuguesa, validada por Canavarro (1996), pretende avaliar a frequência com que determinadas práticas educativas ocorrem durante a infância e a adolescência do sujeito, tanto por parte da figura parental materna, como por parte da figura parental paterna (Canavarro, 1996).

A escala é composta por 23 itens agrupados em três dimensões. A primeira diz respeito ao *Apoio Emocional*, constituído por 7 itens- 2, 6, 9, 12, 14, 19 e 23, que reflete os comportamentos das figuras parentais em relação aos filhos, através da aprovação, encorajamento, ajuda, compreensão, expressão verbal e física de amor e carinho (Canavarro, 1996). A segunda corresponde à *Rejeição*, que abrange 9 itens- 1, 4, 7, 10, 13, 15, 16, 21 e 22, e engloba os comportamentos dos pais que pretendem alterar a vontade dos filhos, sendo encarados por estes como uma pressão para se comportarem de acordo com a vontade dos progenitores (Canavarro, 1996). E por último, a *Sobreproteção*, que compreende 7 itens- 3, 5, 8, 11, 17, 18, e 20, e abrange os comportamentos dos pais caracterizados por proteção excessiva em relação a experiências indutoras de stress e adversidades, elevado grau de intrusão nas práticas dos filhos, padrões muito elevados de realização em dadas áreas e imposição de regras rígidas às quais os filhos devem obedecer sem questionar (Canavarro, 1996). Os itens são avaliados através de uma escala de resposta de tipo Likert de 4 pontos, que varia entre “Não, nunca” e “Sim, a maior parte do tempo”. O EMBU apresenta propriedades psicométricas aceitáveis, tanto no estudo original (Arrindell & van der Ende, 1984), como na adaptação portuguesa (Canavarro, 1996).

2.2.3. Questionário de Perceções de Estilos Parentais Futuros (QPEPF)

O QPEPF é um questionário adaptado por Reis (2011), através do *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP)* de Carapito, Pedro e Ribeiro (2007 citado em Reis, 2011). O Questionário de Perceções de Estilos Parentais Futuros, tal como o próprio nome indica, pretende avaliar a percepção dos jovens relativamente à sua parentalidade futura, tendo por base três estilos parentais de Baumrind (1966 citado em Reis, 2011): autoritativo, autoritário e permissivo.

O questionário é composto por 32 itens, avaliados através de uma escala de tipo Likert de 5 pontos que varia entre “Nunca” e “Sempre”. Estes itens são agrupados de acordo com os três estilos parentais mencionados anteriormente, sendo que os itens correspondentes ao estilo autoritativo são: 1, 3, 5, 7, 9, 11, 12, 14, 18, 21, 22, 25, 27, 29 e 31; no estilo autoritário são: 2, 4, 6, 10, 13, 16, 19, 23, 26, 28, 30 e 32; e no estilo permissivo são: 8, 15, 17, 20 e 24 (Reis, 2011).

No estudo realizado por Reis (2011) foram avaliadas as propriedades psicométricas do questionário, de entre as quais foi calculada a consistência interna de cada estilo parental futuro (autoritativo, autoritário e permissivo). Deste modo, Reis (2011) verificou que os itens correspondentes ao estilo autoritativo apresentam uma boa fiabilidade ($\alpha = 0,78$), bem como os itens do estilo autoritário ($\alpha = 0,77$). Por sua vez, os itens correspondentes do estilo permissivo apresentam uma consistência interna um pouco abaixo do aceitável ($\alpha = 0,53$) (Reis, 2011).

2.3. Procedimentos de Recolha de Dados

Para a realização do presente estudo foram, inicialmente, solicitadas as autorizações para a utilização dos questionários necessários para a investigação. Para a utilização do EMBU realizou-se o pedido à autora da tradução e adaptação para a população portuguesa. Por sua vez, para a utilização do Questionário de Perceções de Estilos Parentais Futuros (QPEPF) foi solicitada a autorização à autora que realizou a sua adaptação através do Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP), Reis (2011).

A recolha dos dados foi realizada através da utilização de um Questionário Sociodemográfico e dos dois questionários mencionados anteriormente, sendo que os mesmos foram recolhidos em formato digital (*Google Forms*). A recolha dos dados foi divulgada por correio eletrónico e redes sociais *Facebook* e *Instagram*. Importa referir que a recolha de todos os dados foi efetuada num período compreendido entre março e junho de 2022. Para responder aos questionários divulgados, os participantes teriam de cumprir os seguintes requisitos: ter idade compreendida entre os 18 e os 30 anos e serem estudantes do Ensino Superior. Após a recolha dos dados, foram eliminados 3 questionários da amostra por não cumprirem um dos requisitos da investigação, apresentarem idade superior a 30 anos.

2.4. Procedimentos de tratamento de dados

O tratamento estatístico dos dados recolhidos foi realizado com recurso ao SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 24.0. No decorrer da análise dos dados foi utilizada a estatística descritiva, de modo a obter, para as variáveis contínuas, as médias, desvios-padrões e valores mínimos e máximos, assim como para obter frequências e percentagens para as variáveis categoriais. Posteriormente, de modo a verificar a existência de diferenças entre as memórias de infância em função de variáveis sociodemográficas, recorreu-se ao teste *t* de *Student* para amostras independentes. Realizou-se uma análise correlacional de modo a verificar a relação entre as práticas parentais da mãe e as práticas parentais do pai, através do coeficiente de correlação de Spearman.

Anteriormente a esta análise, verificou-se o critério de distribuição normal de forma a identificar que coeficiente de correlação utilizar. Por fim, com o propósito de observar as diferenças entre as memórias das práticas parentais e das projeções parentais futuras em função das variáveis sociodemográficas, realizou-se uma análise de variância multivariada (MANOVA), justificada pela sua robustez. Previamente, verificaram-se os pressupostos de normalidade e das variâncias-covariâncias através do Teste M de *Box*.

III. Resultados

Na presente secção são apresentados os resultados obtidos a partir dos procedimentos estatísticos anteriormente explicitados. A apresentação segue a mesma ordem dos objetivos estipulados.

3.1. Objetivo 1- Explorar a existência de diferenças entre as memórias das práticas parentais e das projeções parentais futuras em função das variáveis sociodemográficas

3.1.1. Memórias das práticas parentais e Grupos Etários

De modo a efetuar uma análise multivariada (MANOVA) entre as memórias das práticas parentais e os grupos etários, realizou-se, primeiramente, uma análise aos pressupostos. De modo a simplificar esta análise procedeu-se à criação de três grupos etários: dos 18 aos 22 anos, dos 23 aos 26 anos e dos 27 aos 30 anos. O primeiro pressuposto analisado foi a normalidade multivariada das variáveis em estudo. Deste modo, as hipóteses em teste foram as seguintes:

H_0 : A variável Memórias das Práticas Parentais segue distribuição normal em função da idade.

H_1 : A variável Memórias das Práticas Parentais não segue distribuição normal em função da idade.

Tabela 1

Análise da normalidade multivariada das memórias das práticas parentais em função da Idade

		<i>Shapiro-Wilk</i>		
	Grupos Etários	Estatística	gl	Sig.
Rejeição	Dos 18 aos 22	.810	136	.000
	Dos 23 aos 26	.841	50	.000
	Dos 27 aos 30	.797	17	.002
Sobreproteção	Dos 18 aos 22	.966	136	.002
	Dos 23 aos 26	.908	50	.001
	Dos 27 aos 30	.926	17	.189
Apoio Emocional	Dos 18 aos 22	.950	136	.000
	Dos 23 aos 26	.956	50	.058
	Dos 27 aos 30	.950	17	.460

Através da Tabela 1 podemos observar que, para o teste de normalidade das memórias das práticas parentais em função dos grupos etários, apenas a percepção da Sobreproteção dos 27 aos 30 anos ($p= .189$) e do Apoio Emocional dos 23 aos 26 ($p= .058$) e dos 27 aos 30 anos ($p= .460$), seguem distribuição normal.

O segundo pressuposto analisado foi a homogeneidade das matrizes de variâncias-covariâncias. Posto isto, as hipóteses em teste foram as seguintes:

H_0 : As matrizes de variâncias-covariâncias das Memórias das Práticas Parentais são homogêneas em função da idade.

H_1 : As matrizes de variâncias-covariâncias das Memórias das Práticas Parentais não são homogêneas em função da idade.

Tabela 2

Análise da homogeneidade das matrizes de variâncias-covariâncias das memórias das práticas parentais em função da Idade

M de Box	F	Sig.
34.418	2.732	.001

Através da Tabela 2, tendo em conta o nível de significância ($p= .001$), rejeitamos a hipótese nula, ou seja, as matrizes de variâncias-covariâncias não são homogêneas.

Apesar de não se verificar os pressupostos de normalidade e homogeneidade, utilizou-se o teste de Rastreio de Pillai (*Pillai's Trace*) pela sua robustez.

H_0 : Não existem diferenças significativas entre as médias dos grupos etários para as Memórias das Práticas Parentais.

H_1 : Existem diferenças significativas entre as médias dos grupos etários para as Memórias das Práticas Parentais.

Tabela 3*Testes Multivariados (Memórias das práticas parentais vs Grupos Etários)*

Efeito		Sig.
Grupos Etários	Rastreio de Pillai	.083
	Lambda de Wilks	.081
	Rastreio de Hotelling	.078
	Maior raiz de Roy	.013

Como é possível observar na Tabela 3, o valor de p de acordo com o teste de Rastreio de Pillai corresponde a 0.083, ou seja, sendo superior a 0.05, não rejeitamos a hipótese nula. Deste modo, verifica-se que não existem diferenças significativas entre as médias dos géneros. Apesar de não se verificarem diferenças entre os grupos, realizou-se uma análise de comparações múltiplas (Tabela 4).

Tabela 4*Análise de Comparações Múltiplas entre as Memórias das Práticas Parentais e os Grupos Etários*

Teste de Tukey				
Variável Dependente	(I) Grupos Etários	(J) Grupos Etários	Sig.	
Rejeição	Dos 18 aos 22	Dos 23 aos 26	.248	
		Dos 27 aos 30	.235	
	Dos 23 aos 26	Dos 18 aos 22	.248	
		Dos 27 aos 30	.041	
	Dos 27 aos 30	Dos 18 aos 22	.235	
		Dos 23 aos 26	.041	
	Sobreproteção	Dos 18 aos 22	Dos 23 aos 26	.569
			Dos 27 aos 30	.227
Dos 23 aos 26		Dos 18 aos 22	.569	
		Dos 27 aos 30	.090	
	Dos 27 aos 30	Dos 18 aos 22	.227	

Teste de Tukey			
Variável Dependente	(I) Grupos Etários	(J) Grupos Etários	Sig.
Sobreproteção	Dos 27 aos 30	Dos 23 aos 26	.090
Apoio Emocional	Dos 18 aos 22	Dos 23 aos 26	.767
		Dos 27 aos 30	.999
	Dos 23 aos 26	Dos 18 aos 22	.767
		Dos 27 aos 30	.898
	Dos 27 aos 30	Dos 18 aos 22	.999
		Dos 23 aos 26	.898

Através da análise das comparações múltiplas (Teste de Tukey), verificou-se que nas memórias de infância referentes à Rejeição existem diferenças entre os grupos etários dos 23 aos 26 anos e dos 27 aos 30 anos ($p = .041$), sendo que o grupo etário dos 27 aos 30 anos apresenta uma média mais elevada ($M = 27.00$), comparativamente ao grupo etário dos 23 aos 26 anos ($M = 22.48$). Nas memórias referentes à Sobreproteção e ao Apoio Emocional, é possível observar que não existem diferenças entre os grupos etários.

3.1.2. Projeções Parentais Futuras e Grupos Etários

De modo a avaliar a forma como as projeções parentais futuras variam de acordo com a idade foi realizada uma análise multivariada (MANOVA), sendo que, primeiramente, foi realizada uma análise aos pressupostos de normalidade e homogeneidade. Posto isto, as primeiras hipóteses em teste foram as seguintes:

H_0 : A variável Projeções Parentais Futuras segue distribuição normal em função da idade.

H_1 : A variável Projeções Parentais Futuras não segue distribuição normal em função da idade.

Tabela 5*Análise da normalidade multivariada das Projeções Parentais Futuras em função da Idade*

<i>Shapiro-Wilk</i>				
	Grupos Etários	Estatística	gl	Sig.
Estilo Autoritativo	Dos 18 aos 22	.923	144	.000
	Dos 23 aos 26	.799	53	.000
	Dos 27 aos 30	.949	20	.359
Estilo Autoritário	Dos 18 aos 22	.937	144	.000
	Dos 23 aos 26	.785	53	.000
	Dos 27 aos 30	.966	20	.668
Estilo Permissivo	Dos 18 aos 22	.983	144	.072
	Dos 23 aos 26	.918	53	.001
	Dos 27 aos 30	.949	20	.351

Por sua vez, no que diz respeito à homogeneidade das matrizes de variância-covariância, testaram-se as seguintes hipóteses:

H_0 : As matrizes de variâncias-covariâncias das Projeções Parentais Futuras são homogêneas em função da idade.

H_1 : As matrizes de variâncias-covariâncias as Projeções Parentais Futuras não são homogêneas em função da idade.

Tabela 6*Análise da homogeneidade das matrizes de variâncias-covariâncias das projeções parentais futuras em função da Idade*

M de Box	F	Sig.
15.598	1.246	.244

Após a análise de pressupostos podemos observar através da Tabela 5 que apenas a projeção do estilo autoritativo para o grupo etário dos 27 aos 30 ($p = .359$), do estilo autoritário para o grupo etário dos 27 aos 30 ($p = .668$) e do estilo permissivo para os grupos etários dos 18 aos 22 ($p = .072$) e dos 27 aos 30 ($p = .351$), seguem distribuição normal. Por sua vez, através da Tabela 6, podemos observar que, sendo o valor $p = .244$, ou seja, superior a 0.001, não rejeitamos a hipótese nula, as matrizes de variância-covariância são homogêneas.

Uma vez que os pressupostos de normalidade não se verificam em alguns grupos etários, utilizou-se o teste de Rastreio de Pillai (*Pillai's Trace*) pela sua robustez, testando as seguintes hipóteses:

H_0 : Não existem diferenças entre as médias dos grupos etários para as Projeções Parentais Futuras.

H_1 : Existem diferenças entre as médias dos grupos etários para as Projeções Parentais Futuras.

Tabela 7

Testes Multivariados (Projeções Parentais Futuras vs Grupos Etários)

Efeito		Sig.
Grupos Etários	Rastreio de Pillai	.004
	Lambda de Wilks	.003
	Rastreio de Hotelling	.003
	Maior raiz de Roy	.001

Tendo em conta o valor de p (.004), sendo este inferior a 0,05, rejeitamos a hipótese nula, logo concluímos que existe pelo menos uma diferença entre as médias dos grupos etários no que diz respeito às projeções parentais futuras. Por outras palavras, as projeções parentais futuras diferem em função da idade.

De modo a analisar em que grupo se encontra o efeito, realizou-se uma análise multivariada, testando a homogeneidade da variância do Teste de Levene.

H_0 : As variâncias são homogêneas.

H_1 : As variâncias não são homogêneas.

Tabela 8

Teste de igualdade de variâncias do erro de Levene (Projeções Parentais Futuras vs Grupos Etários)

	Sig.
Estilo Autoritativo	.479
Estilo Autoritário	.445
Estilo Permissivo	.851

Através da Tabela 8 é possível observar que todos os valores de p para os estilos parentais, são superiores a 0.05, o que significa que não rejeitamos a hipótese nula e, por sua vez, que as variâncias são homogêneas. Deste modo, por meio da análise multivariada, testou-se as seguintes hipóteses:

H_0 : Não existem diferenças significativas entre as médias dos grupos etários para as Projeções Parentais Futuras.

H_1 : Existem diferenças significativas entre as médias dos grupos etários para as Projeções Parentais Futuras.

Tabela 9

Testes de efeitos entre os Grupos Etários e as Projeções Parentais Futuras

Origem	Variável dependente	Sig.
Grupos Etários	Estilo Autoritativo	.023
	Estilo Autoritário	.001
	Estilo Permissivo	.842

A Tabela 9 demonstra-nos que, no que diz respeito ao estilo autoritativo e ao estilo autoritário, sendo o valor $p = .023$ e $.001$, respectivamente, rejeitamos a hipótese nula, ou seja, existe diferença pelo menos em um grupo etário. Por sua vez, no que concerne ao estilo permissivo, é possível observar através do seu valor de p (.842), que não existem diferenças significativas entre as médias dos grupos e, deste modo, não rejeitamos a hipótese nula.

De modo a analisar as diferenças entre os grupos etários para os estilos autoritativo e autoritário, utilizou-se o Teste de Tukey (Tabela 10).

Tabela 10*Comparações Múltiplas entre as Projeções Parentais Futuras e os Grupos Etários*

Variável dependente	(I) Grupos Etários	(J) Grupos Etários	Sig.
Estilo Autoritativo	Dos 18 aos 22	Dos 23 aos 26	.316
		Dos 27 aos 30	.099
	Dos 23 aos 26	Dos 18 aos 22	.316
		Dos 27 aos 30	.017
	Dos 27 aos 30	Dos 18 aos 22	.099
		Dos 23 aos 26	.017
Estilo Autoritário	Dos 18 aos 22	Dos 23 aos 26	.944
		Dos 27 aos 30	.001
	Dos 23 aos 26	Dos 18 aos 22	.944
		Dos 27 aos 30	.005
	Dos 27 aos 30	Dos 18 aos 22	.001
		Dos 23 aos 26	.005
Estilo Permissivo	Dos 18 aos 22	Dos 23 aos 26	.866
		Dos 27 aos 30	.981
	Dos 23 aos 26	Dos 18 aos 22	.866
		Dos 27 aos 30	.879
	Dos 27 aos 30	Dos 18 aos 22	.981
		Dos 23 aos 26	.879

Através do Teste de Tukey é possível observar que existem diferenças significativas na projeção do estilo parental autoritativo entre os grupos etários dos 23 aos 26 anos e dos 27 aos 30 anos ($p = .017$), sendo que, através de uma análise descritiva, verificou-se que o grupo dos 23 aos 26 anos apresenta uma média superior ($M = 69.23$) comparativamente com o grupo dos 27 aos 30 anos ($M = 65.30$).

Do mesmo modo verificaram-se diferenças significativas na projeção do estilo parental autoritário entre o grupo etário dos 27 aos 30 anos com o grupo dos 18 aos 22 anos ($p= .001$) e dos 23 aos 26 anos ($p= .005$), sendo que o grupo dos 27 aos 30 anos apresenta uma média superior ($M= 27.30$), seguindo-se o grupo dos 23 aos 26 anos ($M= 22.17$) e, por último o grupo dos 18 aos 22 anos ($M= 21.85$).

3.1.3. Memórias das Práticas Parentais e Género

De modo a analisar a forma como as memórias das práticas parentais variam em função do género, realizou-se uma análise multivariada (MANOVA). Sendo o primeiro passo a análise da normalidade multivariada, testaram-se as seguintes hipóteses:

H_0 : A variável Memórias das Práticas Parentais segue distribuição normal em função do género.

H_1 : A variável Memórias das Práticas Parentais não segue distribuição normal em função do género.

Tabela 11

Análise da normalidade multivariada das Memórias das Práticas Parentais em função do Género

<i>Shapiro-Wilk</i>				
	Género	Estatística	gl	Sig.
Rejeição	Feminino	.803	159	.000
	Masculino	.789	44	.000
Sobreproteção	Feminino	.953	159	.000
	Masculino	.953	44	.072
Apoio Emocional	Feminino	.960	159	.000
	Masculino	.953	44	.073

A Tabela 11 demonstra-nos que apenas a perceção da Sobreproteção para o género masculino ($p= .072$) e do Apoio Emocional para o género masculino ($p= .073$), seguem distribuição normal, ou seja, para estas variáveis não rejeitamos a hipótese nula.

Por sua vez, de forma a analisar a homogeneidade das matrizes de variância-covariância, testaram-se as seguintes hipóteses:

H₀: As matrizes de variâncias-covariâncias das Memórias das Práticas Parentais são homogêneas em função do gênero.

H₁: As matrizes de variâncias-covariâncias das Memórias das Práticas Parentais não são homogêneas em função do gênero.

Tabela 12

Análise da homogeneidade das matrizes de variância-covariância das Memórias das Práticas Parentais em função do Gênero

M de Box	F	Sig.
2.121	.344	.914

Como é possível observar na Tabela 12, sendo o valor de $p = .914$, ou seja, superior a 0.001, não rejeitamos a hipótese nula, as matrizes de variância-covariância são homogêneas.

Uma vez que, na análise anterior, não se verificaram os pressupostos de normalidade e homogeneidade, utilizou-se o teste de Rastreio de Pillai pela sua robustez, de modo a analisar se existem diferenças entre as médias dos grupos.

H₀: Não existem diferenças significativas entre as médias dos gêneros para as Memórias das Práticas Parentais.

H₁: Existem diferenças significativas entre as médias dos gêneros para as Memórias das Práticas Parentais.

Tabela 13

Testes Multivariados (Memórias das práticas parentais vs Gênero)

Efeito		Sig.
Gênero	Rastreio de Pillai	.977
	Lambda de Wilks	.977
	Rastreio de Hotelling	.977
	Maior raiz de Roy	.977

Sendo que o valor de $p = .977$, ou seja, superior a 0.05, não rejeitamos a hipótese nula. Deste modo, verifica-se que não existem diferenças entre as médias dos grupos. De modo a confirmar esta igualdade das médias, realizou-se, por fim, uma análise multivariada, testando as seguintes hipóteses:

H_0 : Não existem diferenças significativas entre as médias dos géneros para as Memórias das Práticas Parentais.

H_1 : Existem diferenças significativas entre as médias dos géneros para as Memórias das Práticas Parentais.

Tabela 14

Testes de efeitos entre o Género e as Memórias das Práticas Parentais

Origem	Variável dependente	Sig.
Género	Rejeição	.115
	Sobreproteção	.188
	Apoio Emocional	.015

Por meio dos testes de efeitos entre sujeitos (Tabela 14), é possível verificar que nas dimensões Rejeição e Sobreproteção, os valores de p são superiores a 0.05, logo não rejeitamos a hipótese nula. Posto isto, confirma-se que não existem diferenças significativas entre as médias dos grupos e que, as memórias relativas a estas práticas parentais, não variam em função do género.

Contrariamente, na dimensão Apoio Emocional, o valor de p é inferior a 0.05, logo rejeitamos a hipótese nula. Deste modo, verifica-se que as memórias relativas a esta prática parental variam em função do género, sendo que o género masculino apresenta uma média ligeiramente superior ($M = 39.91$) comparativamente com o género feminino ($M = 39.58$).

3.1.4. Projeções Parentais Futuras e Género

Para analisar o modo como as projeções parentais futuras variam em função do género, realizou-se, inicialmente, uma análise da normalidade multivariada. Posto isto, as hipóteses em teste foram as seguintes:

H_0 : A variável Projeções Parentais Futuras segue distribuição normal em função do género.

H_1 : A variável Projeções Parentais Futuras não segue distribuição normal em função do género.

Tabela 15

Análise da normalidade multivariada das Projeções Parentais Futuras em função do Género

<i>Shapiro-Wilk</i>				
	Género	Estatística	gl	Sig.
Estilo Autoritativo	Feminino	.916	172	.000
	Masculino	.909	45	.002
Estilo Autoritário	Feminino	.882	172	.000
	Masculino	.980	45	.614
Estilo Permissivo	Feminino	.970	172	.001
	Masculino	.962	45	.140

Tendo por base os valores observados na Tabela 15, é possível constatar que apenas a projeção do estilo autoritário para o género masculino ($p= .614$) e a projeção do estilo permissivo para o género masculino ($p= .140$), seguem distribuição normal. Para as restantes variáveis rejeitamos a hipótese nula, ou seja, não seguem distribuição normal.

Posteriormente, realizou-se uma análise da homogeneidade das matrizes de variância-covariância das projeções parentais futuras em função do género (Tabela 16), testando as seguintes hipóteses:

H_0 : As matrizes de variâncias-covariâncias das Projeções Parentais Futuras são homogéneas em função do género.

H_1 : As matrizes de variâncias-covariâncias das Projeções Parentais Futuras não são homogéneas em função do género.

Tabela 16

Análise da homogeneidade das matrizes de variância-covariância das Projeções Parentais Futuras em função do Género

M de Box	F	Sig.
9.941	1.614	.139

Tendo por base a análise da Tabela 16, é possível observar que o valor de p corresponde a .139. Deste modo, conclui-se que as matrizes de variância-covariância das projeções parentais futuras em função do género, são homogéneas, logo não rejeitamos a hipótese nula.

Uma vez que não se verificaram os pressupostos de normalidade utilizou-se o Teste de Rastreio de Pillai de modo a testar as seguintes hipóteses:

H_0 : Não existem diferenças entre as médias dos géneros para as Projeções Parentais Futuras.

H_1 : Existem diferenças entre as médias dos géneros para as Projeções Parentais Futuras.

Tabela 17

Testes Multivariados (Projeções Parentais Futuras vs Género)

Efeito		Sig.
Género	Rastreio de Pillai	.027
	Lambda de Wilks	.027
	Rastreio de Hotelling	.027
	Maior raiz de Roy	.027

Através da Tabela 17 é possível analisar se existem diferenças entre as médias dos grupos no que diz respeito às projeções parentais futuras. Como é possível observar pelo Teste de Rastreio de Pillai, o valor de p corresponde a .027, o que significa que rejeitamos a hipótese nula. Deste modo, verifica-se que existem diferenças entre as médias dos grupos.

De modo a analisar em que grupo se verifica o efeito, realizou-se uma análise multivariada, testando a homogeneidade da variância do Teste de Levene.

H_0 : As variâncias são homogéneas.

H_1 : As variâncias não são homogéneas.

Tabela 18*Teste de igualdade de variâncias do erro de Levene (Projeções Parentais Futuras vs Género)*

	Sig.
Estilo Autoritativo	.007
Estilo Autoritário	.710
Estilo Permissivo	.410

Segundo o teste de igualdade de variâncias do erro de Levene, verifica-se que no estilo autoritativo, o valor de p corresponde a .007, logo, sendo inferior a 0.05, concluímos que as médias dos grupos para este estilo parental não são homogéneas. No que diz respeito ao estilo autoritário ($p= .710$) e ao estilo permissivo ($p= .410$), verificamos que as médias dos grupos são homogéneas, logo não rejeitamos a hipótese nula.

De modo a confirmar a análise realizada anteriormente, procedeu-se a uma análise multivariada, testando as seguintes hipóteses:

H_0 : Não existem diferenças significativas entre as médias dos géneros para as Projeções Parentais Futuras.

H_1 : Existem diferenças significativas entre as médias dos géneros para as Projeções Parentais Futuras.

Tabela 19*Testes de efeitos entre o Género e as Projeções Parentais Futuras*

Origem	Variável dependente	Sig.
Género	Estilo Autoritativo	.002
	Estilo Autoritário	.285
	Estilo Permissivo	.900

Através do teste de efeito entre sujeitos (Tabela 19), verificamos que, no estilo autoritativo, o valor de p corresponde a .002, sendo inferior a 0.05. Deste modo, rejeitamos a hipótese nula comprovando que neste estilo parental, as projeções parentais futuras variam de acordo com o género, sendo que o género feminino apresenta uma média superior ($M= 68.60$) comparativamente

com o género masculino ($M= 65.84$). Nos estilos autoritário ($p= .285$) e permissivo ($p= .900$), os valores de p são superiores a 0,05, logo não rejeitamos a hipótese nula. Posto isto, concluímos que as projeções parentais futuras para estes dois estilos parentais não variam em função do género.

3.1.5. Memórias das práticas parentais e Grau Académico

De forma a analisar o modo como as memórias das práticas parentais variam em função do grau académico realizou-se, primeiramente, uma análise da normalidade e da homogeneidade multivariada das variáveis em questão e, posteriormente, uma análise multivariada (MANOVA), em prol de verificar o efeito da variável sociodemográfica nas memórias de infância.

Para a realização das análises supracitadas, eliminou-se os sete questionários referentes ao grau de Doutoramento, uma vez que o número de indivíduos era muito inferior comparativamente aos indivíduos que se encontram na Licenciatura e no Mestrado. Deste modo, as primeiras hipóteses testadas foram as seguintes:

H_0 : A variável Memórias das Práticas Parentais segue distribuição normal em função do grau académico.

H_1 : A variável Memórias das Práticas Parentais não segue distribuição normal em função do grau académico.

Tabela 20

Análise da normalidade multivariada das Memórias das Práticas Parentais em função do Grau Académico

<i>Shapiro-Wilk</i>				
	Grau Académico	Estatística	gl	Sig.
Rejeição	Licenciatura	.814	152	.000
	Mestrado	.886	44	.000
Sobreproteção	Licenciatura	.954	152	.000
	Mestrado	.962	44	.149
Apoio Emocional	Licenciatura	.955	152	.000
	Mestrado	.961	44	.139

Como é possível verificar através da Tabela 20, apenas a percepção da Sobreproteção pelo grau de Mestrado ($p= .149$) e a percepção do Apoio Emocional pelo grau de Mestrado ($p= .139$), seguem distribuição normal. As restantes variáveis apresentam um valor de p inferior a 0,05, logo rejeitamos a hipótese nula, não seguem distribuição normal.

De modo a analisar a homogeneidade das matrizes de variância-covariância das memórias das práticas parentais em função do grau académico (Tabela 21), testaram-se as seguintes hipóteses:

H_0 : As matrizes de variâncias-covariâncias das Memórias das Práticas Parentais são homogêneas em função do grau académico.

H_1 : As matrizes de variâncias-covariâncias das Memórias das Práticas Parentais não são homogêneas em função do grau académico.

Tabela 21

Análise da homogeneidade das matrizes de variância-covariância das Memórias das Práticas Parentais em função do Grau Académico

M de Box	F	Sig.
21.382	3.468	.002

Relativamente à homogeneidade das matrizes de variância-covariância, foi possível verificar que o valor de p corresponde a .002, logo não rejeitamos a hipótese nula, confirmando que as matrizes são homogêneas.

Uma vez que não se verificaram os pressupostos de normalidade, deu-se seguimento à análise dos resultados através do teste de Rastreio de Pillai pela sua robustez. Posto isto, as hipóteses em teste foram as seguintes:

H_0 : Não existem diferenças entre as médias dos graus académicos para as Memórias das Práticas Parentais.

H_1 : Existem diferenças entre as médias dos graus académicos para as Memórias das Práticas Parentais.

Tabela 22*Testes Multivariados (Memórias das Práticas Parentais vs Grau Académico)*

Efeito		Sig.
Grau Académico	Rastreio de Pillai	.234
	Lambda de Wilks	.234
	Rastreio de Hotelling	.234
	Maior raiz de Roy	.234

Sendo o valor de $p = .234$ para o teste de Rastreio de Pillai, ou seja, superior a 0.05, não rejeitamos a hipótese nula. Logo, podemos concluir que não existe diferença significativa entre as médias dos grupos. A fim de verificar a igualdade das médias, realizou-se uma análise multivariada, testando as seguintes hipóteses:

H_0 : Não existem diferenças significativas nas médias dos graus académicos para as Memórias das Práticas Parentais.

H_1 : Existem diferenças significativas nas médias dos graus académicos para as Memórias das Práticas Parentais.

Tabela 23*Testes de efeitos entre o Grau Académico e as Memórias das Práticas Parentais*

Origem	Variável dependente	Sig.
Grau Académico	Rejeição	.049
	Sobreproteção	.157
	Apoio Emocional	.607

Através da Tabela 23 podemos verificar que nas três dimensões das memórias das práticas parentais, os valores de p são superiores a 0.05, logo não rejeitamos a hipótese nula. Conclui-se, então, que não existem diferenças significativas nas médias dos grupos e que as memórias de infância não variam em função do grau académico.

3.1.6. Projeções Parentais Futuras e Grau Académico

De modo a analisar o modo como as projeções parentais futuras variam em função do grau académico, realizou-se uma análise de pressupostos, seguida de uma análise multivariada. Primeiramente realizou-se uma análise da normalidade multivariada das projeções parentais futuras em função do grau académico, testando-se as seguintes hipóteses:

H_0 : A variável Projeções Parentais Futuras segue distribuição normal em função do grau académico.

H_1 : A variável Projeções Parentais Futuras não segue distribuição normal em função do grau académico.

Tabela 24

Análise da normalidade multivariada das Projeções Parentais Futuras em função do Grau Académico

<i>Shapiro-Wilk</i>				
	Grau Académico	Estatística	gl	Sig.
Estilo Autoritativo	Licenciatura	.899	159	.000
	Mestrado	.949	51	.028
Estilo Autoritário	Licenciatura	.942	159	.000
	Mestrado	.852	51	.000
Estilo Permissivo	Licenciatura	.981	159	.027
	Mestrado	.894	51	.000

Através da Tabela 24 podemos constatar que, sendo os valores de p inferiores a 0.05, rejeitamos a hipótese nula. Neste sentido, nenhuma variável segue distribuição normal. Seguidamente, realizou-se uma análise da homogeneidade das matrizes de variância-covariância das projeções parentais futuras em função do grau académico (Tabela 25), testando-se as seguintes hipóteses:

H_0 : As matrizes de variância-covariância das Projeções Parentais Futuras são homogêneas. em função do grau acadêmico

H_1 : As matrizes de variância-covariância das Projeções Parentais Futuras não são homogêneas em função do grau acadêmico.

Tabela 25

Análise da homogeneidade das matrizes de variância-covariância das Projeções Parentais Futuras em função do Grau Acadêmico

M de Box	F	Sig.
19.514	3.176	.004

Uma vez que o valor de p (.004) é superior a 0.01, não rejeitamos a hipótese nula, logo as matrizes de variância-covariância são homogêneas. Apesar de se verificar o pressuposto de homogeneidade, o mesmo não ocorreu com o pressuposto de normalidade e, deste modo, seguiu-se a análise através do teste de Rastreio de Pillai. Através deste teste procurou-se perceber se existem diferenças entre as médias dos grupos em questão.

H_0 : Não existem diferenças significativas entre as médias dos graus acadêmicos para as Projeções Parentais Futuras.

H_1 : Existem diferenças significativas entre as médias dos dos graus acadêmicos para as Projeções Parentais Futuras.

Tabela 26

Testes Multivariados (Projeções Parentais Futuras vs Grau Acadêmico)

Efeito		Sig.
Grau Acadêmico	Rastreio de Pillai	.092
	Lambda de Wilks	.092
	Rastreio de Hotelling	.092
	Maior raiz de Roy	.092

Uma vez que o valor de $p = .092$ para o teste de Rastreio de Pillai, não rejeitamos a hipótese nula, ou seja, não existem diferenças significativas entre as médias dos grupos. Embora não se verifiquem diferenças nas médias, realizou-se uma análise de comparações múltiplas, através da qual foram testadas as seguintes hipóteses:

H_0 : Não existem diferenças significativas entre as médias dos dos graus académicos para as Projeções Parentais Futuras.

H_1 : Existem diferenças significativas entre as médias dos dos graus académicos para as Projeções Parentais Futuras.

Tabela 27

Testes de efeitos entre o Grau Académico e as Projeções Parentais Futuras

Origem	Variável dependente	Sig.
Grau Académico	Estilo Autoritativo	.255
	Estilo Autoritário	.136
	Estilo Permissivo	.093

Através da Tabela 27 podemos verificar que, sendo os valores de p superiores a 0.05 para os estilos parentais autoritativo, autoritário e permissivo, não rejeitamos a hipótese nula. Deste modo, confirma-se que as médias dos grupos não apresentam diferenças significativas, logo, as projeções parentais futuras não variam de acordo com o grau académico.

3.2. Objetivo 2- Relação entre as práticas parentais da mãe e as práticas parentais do pai

Na Tabela 28 serão apresentadas as estatísticas descritivas das variáveis em estudo. A análise em questão procurou observar a relação entre as práticas parentais da mãe e as práticas parentais do pai, de acordo com as memórias de infância dos participantes. Posto isto, os participantes revelaram sentir maior apoio emocional por parte da mãe ($M = 21.04$; $DP = 4.84$) comparativamente ao pai ($M = 18.61$; $DP = 6.29$). No que diz respeito à sobreproteção, verificaram-se valores mais elevados na mãe ($M = 12.74$; $DP = 3.75$) do que no pai ($M = 11.52$; $DP = 3.37$). Por sua vez, em relação à dimensão da rejeição, verifica-se que os valores são igualmente superiores por parte da mãe ($M = 12.38$; $DP = 3.88$) comparativamente com o pai ($M = 11.65$; $DP = 3.54$).

Tabela 28

Memórias das Práticas Parentais- Comparação entre Mães e Pais (Média, desvio-padrão e Amplitude)

	<i>M</i>	<i>DP</i>	Mín-Máx
<i>EMBU total</i>			
Apoio Emocional	39.65	10.25	15-56
Sobreproteção	24.25	6.51	14-46
Rejeição	24.03	6.68	18-54
<i>EMBU Mãe</i>			
Apoio Emocional	21.04	4.84	8-28
Sobreproteção	12.74	3.75	7-23
Rejeição	12.38	3.88	9-28
<i>EMBU Pai</i>			
Apoio Emocional	18.61	6.29	7-28
Sobreproteção	11.52	3.37	7-23
Rejeição	11.65	3.54	9-29

De modo a analisar o grau de relação entre a prática educativa da mãe e a prática educativa do pai, realizou-se uma análise de correlação entre as variáveis. Para isto, realizou-se, primeiramente, um teste de normalidade às variáveis em estudo. Tendo em conta a robustez da amostra, o teste de normalidade utilizado foi o de Kolmogorov-Smirnov.

Hipóteses em teste:

H₀: As variáveis das Memórias das Práticas Parentais seguem distribuição normal.

H₁: As variáveis das Memórias das Práticas Parentais não seguem distribuição normal.

Tabela 29*Análise da normalidade das variáveis em estudo- Memórias das Práticas Parentais*

Teste de Normalidade			
Kolmogorov-Smirnov			
	Estatística	gl	Sig.
Apoio Emocional da Mãe	.109	217	.000
Apoio Emocional do Pai	.122	217	.000
Sobreproteção da Mãe	.126	217	.000
Sobreproteção do Pai	.162	217	.000
Rejeição da Mãe	.192	203	.000
Rejeição do Pai	.227	203	.000

De acordo com o Teste de Normalidade apresentado na Tabela 29, podemos constatar que, sendo o valor $p = .000$ para todas as variáveis, rejeitamos H_0 , ou seja, nenhuma das variáveis segue uma distribuição normal. Como tal, de modo a correlacionar as práticas parentais de cada figura parental, foi utilizado o coeficiente de correlação de Spearman (ρ).

Hipóteses em Teste:

- Apoio Emocional

H_0 : Não existe relação significativa entre o Apoio Emocional da mãe e o Apoio Emocional do pai.

H_1 : Existe relação significativa entre o Apoio Emocional da mãe e o Apoio Emocional do pai.

- Sobreproteção

H_0 : Não existe relação significativa entre a Sobreproteção da mãe e a Sobreproteção do pai.

H_1 : Existe relação significativa entre a Sobreproteção da mãe e a Sobreproteção do pai.

- Rejeição

H_0 : Não existe relação significativa entre a Rejeição da mãe e a Rejeição do pai.

H_1 : Existe relação significativa entre a Rejeição da mãe e a Rejeição do pai.

Tabela 30*Correlações obtidas entre as práticas parentais da mãe e as práticas parentais do pai*

	Coeficiente ρ	Sig.	N
Apoio Emocional da Mãe x Apoio Emocional do Pai	.708*	.000	217
Sobreproteção da Mãe x Sobreproteção do Pai	.655*	.000	217
Rejeição da Mãe x Rejeição do Pai	.657*	.000	203

* A correlação é significativa no nível 0,01

Na Tabela 30 é possível observar os diferentes valores do Coeficiente de Spearman e de significância para as três correlações realizadas. No que diz respeito à correlação na dimensão Apoio Emocional, sendo o valor de $p = .000$, ou seja, inferior a 0.01, rejeitamos H_0 , logo verifica-se que existe relação significativa e positiva entre o Apoio Emocional da mãe e o Apoio Emocional do pai. Por sua vez, na dimensão Sobreproteção, $p = .000$, logo também se rejeita H_0 , confirmando-se que existe relação significativa e positiva entre a Sobreproteção da mãe e a Sobreproteção do pai. Por último, na dimensão Rejeição, sendo $p = .000$, rejeitamos, de igual modo, a hipótese nula. Logo, concluímos que existe relação significativa e positiva entre a Rejeição da mãe e a Rejeição do pai.

3.3. Objetivo 3- Identificar as projeções parentais futuras dos jovens do Ensino Superior

De modo a verificar as projeções parentais futuras dos jovens participantes foi realizada uma análise estatística das variáveis em estudo (Tabela 31).

Tabela 31*Estatística descritiva das Projeções Parentais Futuras dos jovens do Ensino Superior*

	<i>M</i>	<i>DP</i>
Estilo Autoritativo	68.028	5.475
Estilo Autoritário	22.429	6.364
Estilo Permissivo	12.083	3.007

De acordo com a Tabela 31 é possível verificar que a média das respostas dos jovens participantes incidu maioritariamente sobre o estilo autoritativo ($M= 68.028$; $DP= 5.475$). Posteriormente, segue-se o estilo autoritário ($M= 22.429$; $DP= 6.364$) e, por fim, o estilo permissivo ($M= 12.083$; $DP= 3.007$). Deste modo, é possível concluir que, para esta amostra de estudantes do Ensino Superior, as projeções parentais futuras incidem mais sobre o estilo parental autoritativo.

3.4. Objetivo 4- Observar a relação entre as memórias das práticas parentais e as projeções parentais futuras dos jovens do Ensino Superior

Como objetivo final procurámos correlacionar as memórias das práticas parentais (Apoio Emocional, Sobreproteção e Rejeição) associadas a cada figura parental, com as projeções parentais futuras (PPF) dos jovens (Estilo Autoritativo PPF, Estilo Autoritário PPF e Estilo Permissivo PPF). Para tal utilizou-se o Coeficiente de Correlação de Spearman (ρ), testando-se as seguintes hipóteses:

H_0 : Não existe relação significativa entre a memória de infância e a projeção parental futura dos jovens.

H_1 : Existe relação significativa entre a memória de infância e a projeção parental futura dos jovens.

Tabela 32

Correlação entre as Memórias das Práticas Parentais e as Projeções Parentais Futuras dos jovens do Ensino Superior

		Apoio Emocional da Mãe	Apoio Emocional do Pai	Sobreproteção da Mãe	Sobreproteção do Pai	Rejeição da Mãe	Rejeição do Pai
Estilo Autoritativo PPF	Coeficiente ρ	.105	.032	-.047	-.147*	-.098	-.182**
	Sig	.123	.642	.487	.031	.165	.009
	N	217	217	217	217	203	203
Estilo Autoritário PPF	Coeficiente ρ	-.074	-.005	.086	.196**	.187**	.216**
	Sig	.278	.945	.205	.004	.007	.002
	N	217	217	217	217	203	203

		Apoio Emocional da Mãe	Apoio Emocional do Pai	Sobreproteção da Mãe	Sobreproteção do Pai	Rejeição da Mãe	Rejeição do Pai
Estilo Permissivo PPF	Coeficiente ρ	-.071	-.030	-.037	.093	-.159*	-.043
	Sig	.297	.658	.587	.171	.024	.542
	N	217	217	217	217	203	203

** A correlação é significativa no nível 0,01.

* A correlação é significativa no nível 0,05.

Legenda: PPF- Projeções Parentais Futuras

Os resultados expressos na Tabela 32 demonstram que as projeções parentais do estilo autoritativo face às memórias do apoio emocional da mãe (Coeficiente $\rho = 0.105$; $p = 0.123$) não apresentam uma correlação estatisticamente significativa, uma vez que o valor de p é maior do que 0.05. Deste modo, não rejeitamos a hipótese nula. As projeções parentais do estilo autoritativo perante as memórias do apoio emocional do pai (Coeficiente $\rho = 0.032$; $p = 0.642$) não apresentam uma correlação estatisticamente significativa. Logo, não rejeitamos a hipótese nula. Assim sendo, podemos afirmar que as memórias de apoio emocional materno e paterno não têm impacto nas projeções parentais do estilo autoritativo.

No que concerne às projeções parentais do estilo autoritativo face às memórias da sobreproteção da mãe (Coeficiente $\rho = -0.047$; $p = 0.487$) não se verifica uma correlação estatisticamente significativa, tendo em conta que o valor de p é superior a 0.05. Assim sendo, não rejeitamos a hipótese nula. Contrariamente, as projeções parentais do estilo autoritativo face às memórias da sobreproteção do pai (Coeficiente $\rho = -0.147$; $p = 0.031$) apresentam uma correlação estatisticamente significativa e negativa, uma vez que o valor de p é inferior a 0.05. Deste modo, rejeitamos a hipótese nula. Posto isto, podemos concluir que as memórias de sobreproteção paterna têm um forte impacto nas projeções parentais do estilo autoritativo.

Por sua vez, as projeções parentais do estilo autoritativo perante as memórias de rejeição da mãe (Coeficiente $\rho = -0.098$; $p = 0.165$) não apresentam uma correlação estatisticamente significativo dado que o valor de p é superior a 0.05. Por conseguinte, não rejeitamos a hipótese nula. Em contrapartida, face às memórias de rejeição do pai (Coeficiente $\rho = -0.182$; $p = 0.009$)

apresentam uma correlação estatisticamente significativa e negativa, logo rejeitamos a hipótese nula. Novamente, podemos deduzir que as memórias de rejeição paterna têm, igualmente, repercussão sobre as projeções parentais do estilo autoritativo.

Relativamente às projeções parentais do estilo autoritário, é possível depreender que face às memórias do apoio emocional da mãe (Coeficiente $\rho = -0.074$; $p = 0.278$) e do apoio emocional do pai (Coeficiente $\rho = -0.005$; $p = 0.945$) não apresentam, em ambos os casos, uma correlação estatisticamente significativa, uma vez que o valor de p é superior a 0.05. Por este motivo, não rejeitamos a hipótese nula para ambas as correlações, concluindo que as memórias de apoio emocional materno e paterno não provocam efeito sobre as projeções do estilo autoritário.

No que diz respeito às projeções parentais do estilo autoritário face às memórias da sobreproteção da mãe (Coeficiente $\rho = 0.086$; $p = 0.205$) não apresentam uma correlação estatisticamente significativa. Contudo, face às memórias da sobreproteção do pai (Coeficiente $\rho = 0.196$; $p = 0.004$) apresentam uma correlação estatisticamente significativa e positiva, uma vez que o valor de p é inferior a 0.05. Apenas rejeitamos a hipótese nula na segunda correlação. Assim sendo, depreendemos que apenas as memórias de sobreproteção paterna têm impacto sobre as projeções do estilo autoritário.

No que se refere às projeções parentais do estilo autoritário perante as memórias da rejeição da mãe (Coeficiente $\rho = 0.187$; $p = 0.007$) e da rejeição do pai (Coeficiente $\rho = 0.216$; $p = 0.002$), verificamos que ambas as correlações são estatisticamente significativas e positivas. Logo, rejeitamos a hipótese nula para ambos os casos. Perante este resultado verifica-se que as memórias de rejeição materna e paterna podem provocar efeito sobre as projeções do estilo autoritário.

Quanto às projeções parentais do estilo permissivo verificamos que, face às memórias do apoio emocional da mãe (Coeficiente $\rho = -0.071$; $p = 0.297$) e do apoio emocional do pai (Coeficiente $\rho = -0.030$; $p = 0.658$) não apresentam uma correlação estatisticamente significativa, uma vez que, em ambas as correlações, o valor de p é superior a 0.05. Posto isto, não rejeitamos a hipótese nula para ambas as correlações, comprovando que as memórias de apoio emocional materno e paterno não têm impacto sobre as projeções do estilo permissivo.

Do mesmo modo, as projeções parentais do estilo permissivo face às memórias da sobreproteção da mãe (Coeficiente $\rho = -0.037$; $p = 0.587$) e da sobreproteção do pai (Coeficiente $\rho = 0.093$; $p = 0.171$), não apresentam uma correlação estatisticamente significativa. Em ambos os casos não rejeitamos a hipótese nula. Desta forma, os resultados indicam que as projeções do estilo permissivo não sofrem efeito perante as memórias de sobreproteção materna e paterna.

Por fim, as projeções parentais do estilo permissivo face às memórias de rejeição da mãe (Coeficiente $\rho = -0.159$; $p = 0.024$) apresentam uma correlação estatisticamente significativa e negativa e, por este motivo, rejeitamos a hipótese nula. Contrariamente, face às memórias de rejeição do pai (Coeficiente $\rho = -0.043$; $p = 0.542$), não apresentam uma correlação estatisticamente significativa e, deste modo, não rejeitamos a hipótese nula. Assim sendo, verifica-se que apenas as memórias de rejeição materna têm impacto sobre as projeções do estilo permissivo.

IV. Discussão dos Resultados

Após a apresentação dos resultados importa, de seguida, compreender os mesmos, confrontando-os com a literatura.

4.1. Diferenças das memórias das práticas parentais e das projeções parentais futuras em função das variáveis sociodemográficas (Género, Idade e Grau Académico)

Quanto ao primeiro objetivo, consistiu em explorar a existência de diferenças entre as memórias das práticas parentais e das projeções parentais futuras em função das variáveis sociodemográficas género, idade e grau académico. Tendo em conta esta finalidade foi realizada uma análise multivariada (MANOVA). No que concerne à variável sociodemográfica género, os resultados indicam que as memórias relativas à rejeição e à sobreproteção não variam em função do género. Por sua vez, as memórias relativas ao apoio emocional variam de acordo com o género dos jovens.

Considerando a literatura, apesar de se verificar uma concordância com o estudo realizado por Perris e Andersson (2000) pelo facto de existirem diferenças entre géneros relativamente às memórias das práticas parentais, o presente estudo vai de encontro com o estudo supracitado, na medida em que os resultados de Perris e Andersson (2000) apontam para uma recordação maior da sobreproteção materna e paterna por parte dos homens. Contudo, importa referir que existe uma diferença considerável e significativa entre a amostra do estudo de Perris e Andersson (2000) e a amostra do presente estudo, o que pode contribuir significativamente para os resultados obtidos. Por sua vez, Cameirinha (2018) nega a existência de diferenças significativas entre géneros para as memórias de apoio emocional e de rejeição, embora não seja expectável de acordo com a literatura.

Equitativamente com o presente estudo, Heinonen et al. (2004 citado em Cameirinha, 2018) afirma que o apoio emocional materna é mais frequentemente lembrado pelas mulheres do que pelos homens. Em contrapartida, Araújo (2003 citado em Cameirinha, 2018) demonstra que as mulheres lembram um menor apoio emocional por parte da mãe e os homens um menor apoio emocional por parte dos pais.

Relativamente às projeções parentais futuras, verificou-se que as projeções relativas ao estilo autoritativo variam em função do género, sendo que o género feminino apresenta uma média superior comparativamente com o género masculino. Deste modo, podemos considerar que as mulheres apresentam uma predisposição maior para a projeção do estilo autoritativo. Contrariamente, as projeções relativas aos estilos autoritário e permissivo, não variam em função do género. Através do que se poderá observar mais adiante, as práticas parentais exercem uma forte influência nos estilos parentais que serão adotados futuramente pelos filhos. Assim, e de acordo com Weber et al. (2006), raparigas cujos relacionamentos com as suas mães eram marcados por proximidade e suporte para a independência, tendem a reproduzir este tipo de relacionamento com os seus próprios filhos. Tal estudo remete-nos também para a existência de diferenças entre as práticas parentais da mãe e as práticas parentais do pai, como mencionado anteriormente. Para além de as mães assumirem o papel principal na educação dos filhos, são, na maioria dos casos, mais provedoras de carinho e afeto (Lins et al., 2015). Por sua vez, os pais são, maioritariamente, responsáveis pela autoridade, o ensino e a disciplina (Lins et al., 2015). Assim sendo, podemos afirmar que, mesmo diferindo, o desempenho dos papéis maternos e paternos são fundamentais no desenvolvimento dos filhos, apesar da interação mãe-filhos exercer uma influência superior no desenvolvimento dos mesmos (Bowlby, 1989 citado em Lins et al., 2015).

Neste seguimento, as projeções parentais futuras dos jovens derivam, em certa parte, do impacto que os estilos parentais dos seus pais tiveram ao longo da sua educação. Deste modo, importa recordar que filhos de pais autoritativos apresentam maiores competências sociais, menos problemas de internalização e externalização (Baumrind, 1966 citado em Cardoso & Veríssimo) e mais aspetos positivos no seu desenvolvimento, nomeadamente altos índices de competência psicológica e baixos índices de transtornos comportamentais e psicológicos (Weber et al., 2004). Em termos de diferenças entre géneros, como foi possível constatar anteriormente, as raparigas são mais “independentes, intencionais, dominantes e orientadas para a realização” (Baumrind, 1971 citado em Cardoso & Veríssimo, 2013, p. 395), e os rapazes são socialmente mais responsáveis, maduros e altruístas (Baumrind, 1971 citado em Cardoso & Veríssimo, 2013).

Deste modo, dadas as diferenças observadas no presente estudo, confirma-se o resultado de que as projeções parentais futuras do estilo autoritativo variam de acordo com o género, uma vez que a própria educação recebida na infância difere em função do género das figuras parentais e o género dos filhos.

Mediante a análise das memórias das práticas parentais em função da idade, os resultados indicam que apenas existem diferenças significativas nas memórias relativas à rejeição entre os grupos etários dos 23 aos 26 anos e dos 27 aos 30 anos, sendo que no grupo dos 27 aos 30 anos estas memórias notam-se mais acentuadas. Por sua vez, as memórias referentes à sobreproteção e ao apoio emocional não variam de acordo com o grupo etário.

De acordo com a literatura (Canavarro, 1996), comportamentos de rejeição parental são marcados pela vontade dos pais em modificar a vontade dos filhos, exercendo uma pressão para que se comportem de acordo com a sua vontade, sendo capazes de utilizar castigos físicos, privação de privilégios ou aplicar força direta de modo a influenciar os comportamentos dos filhos (Canavarro, 1996). Deste modo, é possível verificar que tais comportamentos se assemelham ao estilo parental autoritário caracterizado, igualmente, por comportamentos de hostilidade por parte das figuras parentais. Em conformidade com a literatura, este tipo de comportamentos exercem um forte impacto negativo sobre o desenvolvimento dos filhos. Desta forma, filhos de pais autoritários apresentam baixo autoconceito, são pessoas mais inseguras, apreensivas, hostis, dependentes e mais propensas a ter comportamentos de externalização e delinquência (Baumrind, 1967 citado em Cardoso & Veríssimo, 2013). Devido a este impacto, podemos presumir que crescer sob um estilo autoritário acaba por gerar memórias que são retidas por um longo período de tempo. Desta forma considera-se que acontecimentos emocionalmente intensos são, correntemente, mais falados e pensados e, conseqüentemente, são mais significativos, únicos e emocionais (Bohanek et al., 2005). Este facto é congruente com o estudo realizado por Peterson e Whalen (2001 citado em Bohanek et al., 2005) segundo o qual episódios negativos tendem a ser lembrados por longos períodos de tempo e detalhadamente, devido à sua intensidade e importância (Bohanek et al., 2005).

Posteriormente, a análise relativa às projeções parentais futuras demonstrou que existem diferenças significativas entre as projeções do estilo parental autoritativo entre os jovens do grupo etário dos 23 aos 26 anos e os jovens do grupo etário dos 27 aos 30 anos, sendo predominante no segundo grupo. Da mesma forma, as projeções do estilo parental autoritário variam significativamente entre os jovens do grupo etário dos 18 aos 22 anos e os jovens do grupo etário dos 27 aos 30 anos. No seguimento desta análise verificou-se uma predominância da projeção do estilo autoritário no grupo etário dos 27 aos 30 anos, seguindo-se o grupo dos 23 aos 26 anos e, por último, o grupo dos 18 aos 22 anos. Perante estes resultados, podemos sugerir que esta diferença se

deve ao facto de os jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 22 anos serem os mais novos e, conseqüentemente, não refletirem tanto sobre as questões da parentalidade. Neste seguimento, tendo em conta a idade e a fase que os jovens atravessam, podemos pressupor, também, que a não ideação do estilo autoritário se deve à adversidade dos próprios pais serem autoritários com eles. Por seu turno, os resultados obtidos sugerem que as questões da parentalidade se tornam mais recorrentes com o avançar da idade, jovens adultos com idades compreendidas entre os 27 e os 30 anos começam a refletir correntemente sobre as práticas e estilos parentais que irão adotar futuramente, tendo uma maior consciência e maturidade relativamente ao seu impacto nos seus filhos. Possivelmente, esta consciencialização pode dever-se, também, à quantidade de informações disponíveis que, quando novos, não retemos de igual forma.

Ao analisar as memórias de infância em função do grau académico (Licenciatura e Mestrado) verificou-se que não existem diferenças significativas entre as três dimensões das memórias das práticas parentais. Por outras palavras verificou-se que as memórias de infância não variam em função do grau académico.

Por fim, no que diz respeito às projeções parentais futuras, os resultados confirmam que não existem diferenças significativas entre as médias dos grupos, ou seja, as projeções parentais futuras dos jovens não variam de acordo com o grau académico.

4.2. Relação entre as práticas parentais da mãe e as práticas parentais do pai

Relativamente ao segundo objetivo, procurámos relacionar as práticas parentais da figura materna com as práticas parentais da figura paterna. Primeiramente, através de uma análise descritiva (Tabela 7) verificou-se que, de acordo com os participantes, os valores referentes ao apoio emocional, à sobreproteção e à rejeição, são superiores por parte da figura materna quando comparadas as médias entre as práticas parentais da mãe e as práticas parentais do pai. Por sua vez, de forma a entender esta relação entre as práticas parentais realizou-se uma análise de correlação entre as variáveis em questão (Tabela 9). Através das três análises de correlação realizadas (Apoio Emocional da mãe vs. Apoio Emocional do pai; Sobreproteção da mãe vs. Sobreproteção do pai; e Rejeição da mãe vs. Rejeição do pai), verificou-se que em todas as dimensões existe uma relação significativa e positiva entre as práticas parentais da mãe e as práticas parentais do pai. Importa salientar que estes resultados derivam das perceções dos filhos relativamente às práticas dos seus pais.

Estes resultados não estão em concordância com alguns estudos outrora realizados. Araújo (2003) confirma que os diferentes papéis exercidos pelas figuras parentais podem sofrer influência das normas sociais nas práticas tradicionais de socialização e evidencia que as experiências relacionais com as figuras parentais na infância e adolescência representam um fator significativo para os níveis de ajustamento e bem-estar na adultez. Da mesma forma, Hennig (2008) afirma que mães e pais apresentam diferentes práticas na educação dos seus filhos.

Contrariamente ao que se observou no presente estudo, Gomide (2006 citado em Hennig, 2008) comprovou a existência de diferenças entre as práticas educativas das mães e dos pais, de acordo com o gênero dos filhos. Posto isto, verificou-se que as mães manifestam índices superiores na monitorização positiva do comportamento moral com as filhas, no entanto apresentam, igualmente, índices superiores de abuso físico e disciplina relaxada com os filhos (Gomide, 2006 citado em Hennig, 2008). À semelhança do que foi supracitado, Gomide (2006) afirma que os pais evidenciam índices superiores de exigência de comportamento moral com as filhas, e de abuso físico com os filhos.

Contudo, é possível afirmar que o envolvimento das figuras parentais na educação dos filhos, nem sempre foi equilibrado. Maia e Soares (2019) ressaltam a existência de diversos estudos segundo os quais o envolvimento da figura paterna na educação dos filhos tem vindo a crescer nas últimas décadas, aumentando, consequentemente, a colaboração nas responsabilidades parentais. Apesar disto, ressaltam que os pais continuam a despender menos tempo na educação dos filhos, sendo atribuídos os cuidados e responsabilidades maioritariamente às mães (Maia & Soares, 2019). Os autores revelam também que, no desempenho das funções parentais, os pais necessitam de estar mais presentes de modo a se aproximarem do pai “ideal” para os filhos, englobando o cuidado, a atenção, a orientação do comportamento, brincar e dar carinho (Maia & Soares, 2019). No que diz respeito à perceção dos filhos relativamente à mãe, consideram que se aproxima mais da mãe “ideal” uma vez que está mais presente, manifestando gestos de cuidado, de atenção e de proximidade (Maia & Soares, 2019). Deste modo, a perceção dos filhos relativamente aos cuidados parentais não é pertinente apenas para entender as projeções parentais futuras dos jovens. Esta perceção é também fundamental, pois possibilita aos pais um maior entendimento relativamente às atribuições dos papéis parentais no contexto familiar, em prol de uma relação mais eficiente no desenvolvimento dos filhos (Maia & Soares, 2019).

Apesar de se verificar que as práticas parentais da mãe e as práticas parentais do pai estão, de certo modo, relacionadas, podemos deduzir que existem diversos fatores para a existência de diferenças entre as suas práticas. Posto isto, é possível deduzir que, ao longo das últimas décadas, a mãe tem assumido o principal papel na educação dos filhos, verificando-se que o pai assumia

maioritariamente o papel de repressor, mas também de protetor da família. Contudo, atualmente é possível observar um maior envolvimento dos pais na educação dos filhos, existindo uma divisão mais equilibrada das tarefas e responsabilidades parentais. Em parte estas mudanças devem-se à promoção de informações relativas à parentalidade e aos conhecimentos adquiridos em prol de melhorar as práticas educativas parentais. Importa ressaltar que a sobrecarga das funções profissionais têm, igualmente, um forte impacto nas atribuições necessárias à formação dos filhos, obrigando os pais a organizar o seu tempo entre as responsabilidades parentais e as responsabilidades domésticas (Gomide, 2009).

Por fim, podemos verificar que os resultados obtidos podem comprovar o impacto das mudanças sociais e culturais, que ocorreram ao longo das últimas décadas, sobre as práticas parentais. Contudo, apesar de no presente estudo se observar uma relação significativa entre as práticas parentais, não podemos afirmar que os papéis parentais são iguais, uma vez que as atribuições sociais de cada figura são diferentes, ainda que se complementem mutuamente (coparentalidade) (Lins et al., 2015).

4.3. Projeções Parentais Futuras dos Jovens do Ensino Superior

O terceiro objetivo do estudo consistiu em identificar as projeções parentais futuras dos jovens do Ensino Superior. Através de uma análise descritiva, procurámos identificar as projeções parentais futuras dos jovens participantes no estudo. Através dos resultados verificou-se que as projeções parentais futuras dos jovens incidem, principalmente, sobre o estilo parental autoritativo. Em outros termos, os jovens idealizam que no futuro irão adotar um estilo mais autoritativo com os seus filhos.

Pais que adotam um estilo parental autoritativo procuram orientar as atividades dos seus filhos de maneira racional e focada, encorajam o diálogo e exercem controlo firme sobre os impulsos conflitantes, ao mesmo tempo em que colocam sua perspectiva adulta e reconhecem que cada criança tem interesses e maneiras de se comportar únicos (Weber et al., 2003). Da mesma forma, pais autoritativos incitam a liberdade e a autonomia, apresentam flexibilidade relativamente às opiniões e necessidades dos filhos e respeitam os seus interesses, qualidades e competências (Justo & Lipp, 2010). Segundo Steinberg (2001), adolescentes cujos pais adotam um estilo autoritativo obtêm maior sucesso académico, manifestam menos depressão e ansiedade, pontuam

mais alto em medidas de autoconfiança e autoestima e apresentam menos predisposição para o desenvolvimento de comportamentos antissociais, como delinquência e uso de drogas.

De acordo com Oliveira et al. (2002), quanto maior for a percepção do estilo autoritativo na família de origem, menor é a probabilidade de desenvolver uma atitude conjugal conflituosa e, por seu turno promove a transmissão de um estilo parental autoritativo na família de procriação. Desta forma, uma educação equilibrada por meio de um estilo autoritativo, possibilita a formação de pessoas melhores, com capacidade para lidar, de forma confiante, com os problemas, o que pode repercutir numa melhoria da dimensão social (Weber et al., 2003). Da mesma forma, Belsky et al. (2005), através do seu estudo, observou que mães que, ao longo do seu crescimento, vivenciaram uma educação menos autoritária, marcada por relacionamentos familiares saudáveis e cujas relações com os pais eram dotadas de confiança e comunicação, apresentam mais tendência para adotar um estilo parental afetivo, sensível e estimulante. Apesar de existirem poucos estudos (e.x. Capaldi et al., 2003; Smith & Farrington, 2004 citado em Belsky et al., 2005) é possível afirmar que, à semelhança da maternidade, a paternidade também interfere na transmissão intergeracional (Belsky et al., 2005).

Desta forma, podemos constatar que as projeções parentais dos jovens incidem sobre o estilo parental autoritativo devido ao seu impacto no desenvolvimento dos próprios jovens. Do mesmo modo, podemos presumir que o facto de se encontrarem no Ensino Superior contribui positivamente para a aquisição de conhecimentos relativos à parentalidade. Sendo também uma fase em que os jovens partilham mutuamente as suas experiências familiares, através da entreajuda, conseguem identificar as vantagens e desvantagens de cada estilo parental e refletirem, de forma consciente, relativamente ao estilo que irão adotar com os seus próprios filhos.

4.4. Correlação entre as memórias das práticas parentais e as projeções parentais futuras dos jovens do Ensino Superior

Quanto ao último objetivo e o principal do presente estudo, constituiu em correlacionar as variáveis das memórias das práticas parentais (Apoio emocional da mãe/pai; Sobreproteção da mãe/pai; e Rejeição da mãe/pai) com as projeções parentais futuras dos jovens do Ensino Superior (Estilo Autoritativo, Estilo Autoritário e Estilo Permissivo). De acordo com os resultados observados verificou-se que existe uma relação significativa e negativa entre as memórias de sobreproteção e de rejeição do pai com a projeção do estilo autoritativo. Ou seja, os jovens cujos pais adotaram práticas de sobreproteção ou de rejeição, idealizam que, futuramente, irão adotar um estilo parental autoritativo.

Os resultados são concordantes com o estudo de Böing (2014) que afirma a existência de uma relação negativa entre as memórias de sobreproteção paterna com as características do estilo autoritário e permissivo, e de uma relação positiva com as características do estilo autoritativo. Apesar dos resultados serem referentes à figura paterna, existem, de igual modo, estudos que comprovam a relação entre as memórias de rejeição materna e adoção de comportamentos responsivos com as gerações subsequentes, confirmando que a diferenciação pode beneficiar as estratégias maternas (Weber et al., 2006).

A inexistência de intergeracionalidade pode ser explicada por diversos fatores, entre eles as mudanças socioculturais que a sociedade sofreu ao longo dos anos (Weber et al., 2006). Estas mudanças caracterizam-se, essencialmente, pela transição do modelo tradicional (controlador, assimétrico e autoritário) para um modelo moderno definido por centralizar a criança, valorizar a comunicação e pela independência dos filhos (Biasoli-Alves et al, 1997 citado em Weber et al., 2006). Outro fator que pode contribuir para a não intergeracionalidade dos estilos parentais é o rompimento de padrões familiares e a propagação de informações científicas relativamente à educação dos filhos (Weber, 2005 citado em Weber et al., 2006). Nesta perspectiva, a geração contemporânea caracteriza-se por ser mais “crítica e atenta a questões relativas à liberdade de escolha e opinião, afetividade, autonomia e realização pessoal, modificando padrões relacionais presentes nas gerações precedentes” (Marin et al., 2013, p. 125).

Os resultados desta análise demonstraram também que as projeções do estilo autoritário se relacionam significativamente e positivamente com as memórias de sobreproteção do pai, de rejeição da mãe e de rejeição do pai. Por fim, verificou-se que as projeções do estilo permissivo estão significativamente e negativamente relacionadas com as memórias de rejeição da figura materna.

De acordo com as evidências, o comportamento de rejeição dos pais pode, posteriormente, ser refletido através das gerações subsequentes, sendo que esse reflexo pode ser mediado pela transmissão do afeto deprimido (Whitbeck et al., 1992 citado em Hops et al., 2003). Nomeadamente, adolescentes expostos a comportamentos autoritários por parte das figuras parentais, estão mais predispostos a agir com a mesma hostilidade com os seus próprios filhos (Hops et al., 2003). Posto isto, o rigorismo das figuras parentais pode impactar diretamente a parentalidade da geração subsequente por meio do efeito de modelação simples, ou indiretamente por intermédio do estilo de relacionamento interpessoal ou das crenças parentais (Cecconello et al., 2003). De acordo com Bandura (1979 citado em Cecconello et al., 2003) a modelação simples

representa uma aprendizagem, mediante a observação ou o reforço, que estimula um determinado comportamento.

A transmissão deste tipo de comportamentos pode justificar-se, também, pela falta de modelos competentes que, por sua vez, conduz à aceitação das práticas parentais percebidas como “normais” (Cecconello et al., 2003). Deste modo, essas pessoas não acreditam que punir fisicamente uma criança seja um tipo de violência na relação pais-filhos, pois é visto como um comportamento normal, e o ato de "bater" é um método de disciplina amplamente utilizado (Simons e cols., 1991; Kashani & Allan, 1998 citado em Cecconello et al., 2003).

Da mesma forma, Oliveira et al. (2002) evidenciou uma correlação positiva entre atitudes de autoritarismo da avó materna e da mãe. Neste seguimento, os resultados de Oliveira et al. (2002), à semelhança dos resultados obtidos no presente estudo, demonstraram que as experiências de uma criação autoritária são transmitidas de geração para geração, ou seja, quanto mais a mãe recorda a sua experiência de criação como autoritária, mais probabilidade tem de adotar o mesmo estilo com os seus próprios filhos. Por sua vez, uma experiência relacional com a figura materna autoritária, tende a repetir-se na geração seguinte, especialmente se o seu relacionamento conjugal for conflituoso (Oliveira et al., 2002).

Conclusão

Como foi possível observar, os estilos e práticas parentais constituem um tema que tem vindo a ser explorado ao longo dos anos. O presente estudo procurou, primeiramente, verificar a existência de diferenças entre as memórias das práticas parentais e das projeções parentais futuras em função de diferentes variáveis sociodemográficas relacionadas com os estudantes, nomeadamente o género, a idade e o grau académico.

Os resultados apontam para a existência de uma diferença pouco acentuada entre os géneros para as memórias de infância, especialmente ao nível do apoio emocional. Apesar de se verificar que estas memórias são, ligeiramente, mais recordadas por parte dos homens, os resultados indicam que, ao nível das projeções parentais futuras existe também uma diferença referente ao estilo autoritativo, sendo mais acentuado nas mulheres.

Por sua vez, em função da idade, observou-se que as memórias de rejeição variam entre os grupos etários dos 23 e os 26 anos e dos 27 aos 30 anos, sendo mais acentuadas entre os 27 e os 30 anos. Este resultado mostrou-se interessante quando comparado com as projeções parentais futuras dos jovens, uma vez que as projeções do estilo autoritativo variam entre os grupos etários dos 23 aos 26 anos e dos 27 aos 30 anos, sendo predominante entre os 27 e os 30 anos. Por sua vez, os resultados indicam que as projeções do estilo autoritário variam entre os grupos etários dos 18 aos 22 anos e dos 27 aos 30 anos, sendo predominante no segundo grupo.

A título experimental, procurámos também observar as diferenças entre as memórias de infância e as projeções parentais futuras em função do grau académico. No entanto, deparámo-nos com uma grande dissonância a nível da amostra entre os três graus académicos (Licenciatura, Mestrado e Doutoramento). Deste modo, realizou-se apenas uma análise entre os graus de Licenciatura e de Mestrado. Os resultados indicam que não existem diferenças significativas entre os dois graus, seja nas memórias de infância, seja nas projeções parentais futuras.

Através dos resultados foi possível perceber também que as práticas parentais têm vindo a sofrer alterações ao longo das últimas décadas. Neste sentido, foi possível verificar que as práticas parentais da figura materna estão significativamente relacionadas com as práticas parentais da figura paterna, sugerindo que, apesar da diferença nos papéis sociais de cada figura, a coparentalidade tem vindo a aumentar progressivamente, existindo não só um envolvimento maior da figura paterna, mas também uma divisão mais equilibrada das tarefas e responsabilidades parentais.

O principal propósito do presente estudo consistiu em relacionar as memórias das práticas parentais com as projeções parentais futuras dos jovens do Ensino Superior. Assim sendo, os resultados apontam para a existência de diversas relações, nomeadamente entre as memórias de sobreproteção e de rejeição do pai com a projeção do estilo autoritativo, as projeções do estilo autoritário com as memórias de sobreproteção do pai e de rejeição da mãe e do pai e, por fim, as projeções do estilo permissivo com as memórias de rejeição da mãe.

Quando confrontados com a literatura, verificou-se que alguns dos resultados se encontram em consonância com estudos existentes, e outros acabaram por revelar algumas diferenças. Apesar disto, considera-se que todos os resultados obtidos abrem novos caminhos para um maior conhecimento relativamente aos estilos e práticas parentais e, em especial, da transmissão intergeracional.

Apesar dos seus contributos, o presente estudo apresenta, igualmente, algumas limitações. A primeira limitação diz respeito a um dos questionários utilizados na recolha dos dados. O Questionário de Perceções das Projeções Parentais Futuras apresenta uma boa fiabilidade para os itens correspondentes aos estilos autoritativo e autoritário, no entanto os itens referentes ao estilo permissivo apresentam uma consistência interna abaixo do aceitável. Deste modo, a precisão das respostas correspondentes a este estilo parental podem ter sido comprometidas devido a esta consistência baixa. Dada esta limitação, seria pertinente que o instrumento sofresse algumas alterações em prol de melhorar a sua fiabilidade e consistência interna e, conseqüentemente, permitisse a obtenção de resultados mais precisos.

A segunda limitação corresponde à amostra utilizada no estudo. Apesar de se ter obtido um número considerável de respostas (N= 217), a amostra não apresenta homogeneidade quanto ao número de mulheres e de homens que participaram no estudo. Como tal, a inexistência de diferenças entre géneros para as projeções dos estilos autoritário e permissivo, pode dever-se ao facto da amostra ser maioritariamente composta por mulheres. O mesmo sucedeu na análise das memórias de infância, segundo a qual não existem diferenças significativas entre géneros para as memórias de rejeição e de sobreproteção. Deste modo, considera-se pertinente replicar a análise em estudos futuros com um número de mulheres e de homens similar, em prol de perceber se efetivamente não existem diferenças nas projeções destes dois estilos parentais e nas memórias das práticas parentais.

A terceira limitação corresponde à análise das memórias de infância e das projeções parentais futuras em função do grau académico. Como foi possível verificar, a amostra apresentou grandes discrepâncias para cada grau académico (Licenciatura-159; Mestrado- 51; Doutoramento-

7), o que acabou por limitar a análise, no sentido em que o grau de Doutoramento não constou na mesma. Deste modo, dadas as limitações supracitadas, importa replicar a mesma com uma amostra mais homogénea para cada grau académico.

Relativamente à relação entre as práticas parentais da mãe e as práticas parentais do pai, verificou-se que, comparativamente com alguns estudos realizados há cerca de 20 anos, é possível observar que as práticas parentais têm vindo a mudar devido às mudanças sociais e culturais. Assim sendo, considera-se pertinente replicar o estudo, de modo a dar continuidade à análise destas mudanças e do seu impacto na prática da parentalidade, abrangendo, de igual modo, outras formas de família.

Por fim, o estudo focou-se apenas em algumas variáveis sociodemográficas para a realização da análise dos dados, como mencionado anteriormente. Apesar disso, consideramos importante analisar, em estudos futuros, os estilos e práticas parentais em função de outras variáveis sociodemográficas, nomeadamente as habilitações literárias dos pais e as suas profissões, uma vez que se verificou que estes fatores têm um forte impacto na forma como os pais geram e organizam as suas práticas e responsabilidades.

Em síntese, o presente estudo pode contribuir para a observação do impacto das memórias de infância relativas às práticas parentais, sobre as projeções parentais futuras dos jovens. Para além de poder contribuir com alguma informação para complementar os estudos existentes, as sugestões supraindicadas também podem contribuir para a realização de novas investigações de modo a dar continuidade ao estudo da transmissão intergeracional dos estilos e práticas parentais. Consequentemente, possibilita o desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção junto dos pais e dos seus filhos.

Referências Bibliográficas

- Araújo, A. F. (2003). Percepção dos estilos educativos parentais e ajustamento psicológico do adulto: comparação entre indivíduos com e sem perturbações depressivas. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 12(24), 215-227. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2002000300010>
- Arrindell, W. A., & van der Ende, J. (1984). Replicability and invariance of dimensions of parental rearing behaviour: Further Dutch experiences with the EMBU. *Personality and Individual Differences*, 5(6), 671-682. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(84\)90115-6](https://doi.org/10.1016/0191-8869(84)90115-6)
- Azevedo, A. S., & Ferreira, E. E. (2020). Vinculação aos pais, ao par amoroso e comportamentos sexuais de risco. Em *13º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde–Actas* (pp. 793-823). Edições ISPA.
- Baldwin, A. L. (1949). The effect of home environment on nursery school behavior. *Child Development*, 20, 49-62. <https://doi.org/10.2307/1125606>
- Barroso, R. G., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, (52-I), 211-229. https://doi.org/10.14195/1647-8606_52-1_10
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907. <https://doi.org/10.2307/1126611>
- Baumrid, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4(1), 1-32. <https://doi.org/10.1037/h0030372>
- Baumrind, D., Larzelere, R. E., & Owens, E. B. (2010). Effects of preschool parents' power assertive patterns and practices on adolescent development. *Parenting: Science and practice*, 10(3), 157-201. <https://doi.org/10.1080/15295190903290790>
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child development*, 55(1), 83-96. <https://doi.org/10.2307/1129836>
- Belsky, J., Jaffee, S. R., Sligo, J., Woodward, L., & Silva, P. A. (2005). Intergenerational transmission of warm-sensitivestimulating parenting: a prospective study of mothers and fathers of 3-years-olds. *Child Development*, 76(2), 384-396. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2005.00852.x>
- Bohanek, J. G., Fivush, R., & Walker, E. (2005). Memories of positive and negative emotional events. *Applied Cognitive Psychology*, 19(1), 51-66. <https://doi.org/10.1002/acp.1064>

- Böing, E. (2014). *Relações entre coparentalidade, funcionamento familiar e estilos parentais em uma perspectiva intergeracional*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina].
Repositório Institucional.
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/128737>
- Böing, E., & Crepaldi, M. A. (2016). Relação pais e filhos: Compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. *Educar em Revista*, (59), 17-33.
<https://doi.org/10.1590/0104-4060.44615>
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Attachment* (2nd ed, Vol. 1). New York: Basic Books.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Cameirinha, F. C. (2018). *Memórias de infância relativas às práticas educativas parentais e vinculação do adulto ao pai e à mãe*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa].
Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/37081>
- Canavarro, M. C. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: estudos psicométricos. *Psychologica*, 16, 5-18.
- Cardoso, H. F., & Baptista, M. N. (2020). Família e intergeracionalidade. In Maycoln L. M. Teodoro & Makilim N. B. (Org.), *Psicologia da Família: Teoria, Avaliação e Intervenção* (2ª ed.) Artmed Editora.
- Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise psicológica*, 31(4), 393-406. <https://doi.org/10.14417/ap.807>
- Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em estudo*, 8, 45-54.
<https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300007>
- Costa, F. T. D., Teixeira, M. A., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: reflexão e crítica*, 13, 465-473.
<https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000300014>
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. (1.ª ed). Quarteto.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496.

- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica—o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e desenvolvimento*, (19), 139-156. <http://hdl.handle.net/10400.14/9176>
- Dias, M. O. (2015). A comunicação como processo de interação e de integração no sistema familiar – os valores. *Gestão E Desenvolvimento*, (23), 85-105. <https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2015.273>
- Falcke, D., Rosa, L. W. D., & Steigleder, V. A. T. (2012). Estilos parentais em famílias com filhos em idade escolar. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 5(2), 282-293.
- Figueiredo, B., & Lamela, D. (2014). Parentalidade e coparentalidade: Conceitos básicos e programas de intervenção. CUP Book: *Contributos para a intervenção em Psicologia*. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 151-172.
- Gomide, P. I. C. (2009). A influência da profissão no estilo parental materno percebido pelos filhos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26(1), 25-34. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100003>
- Hennig, F. (2008). *Relação entre práticas educativas parentais e memórias de cuidados na infância*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional. <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/90944>
- Hoghugh, M. (2004) Parenting: an introduction. Em M. Hoghugh & N. Long (Eds), *Handbook of parenting: theory and research for practice* (pp. 1-18). London: Sage. <https://dx.doi.org/10.4135/9781848608160>
- Hops, H., Davis, B., Leve, C., & Sheeber, L. (2003). Cross-generational transmission of aggressive parent behavior: A prospective, mediational examination. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 31(2), 161-169. <https://doi.org/10.1023/A:1022522224295>
- Jiménez, Á. P., & Delgado, A. O. (2002). Comunicación y conflicto familiar durante la adolescencia. *Anales de Psicología/Annals of Psychology*, 18(2), 215-231.
- Justo, A. P., & Lipp, M. E. N. (2010). A influência do estilo parental no stress do adolescente. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 30(79), 363-378.
- Lins, Z. M. B., Salomão, N. M. R., Lins, S. L. B., Carneiro, T. F., & Eberhardt, A. C. (2015). O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos. *Revista da SPAGESP*, 16(1), 43-59.

- Lopes, F. R. A., & Vicente, H. O. (2012). *Transmissão entre gerações de estilos educativos parentais* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório ISMT. <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/98>
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E.M. Hetherington (Org.), *Handbook of child psychology* (pp. 1-110). New York: Wiley.
- Machado, T. S. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à Universidade. *Revista Portuguesa De Pedagogia*, (41-2), 5-28. https://doi.org/10.14195/1647-8614_41-2_1
- Mahedy, L., Heron, J., Stapinski, L. A., Pearson, R. M., Evans, J., Joinson, C., Bowes, L., & Lewis, G. (2014). Mothers' own recollections of being parented and risk of offspring depression 18 years later: A prospective cohort study. *Depression and Anxiety*, 31(1), 38-43. <https://doi.org/10.1002/da.22174>
- Maia, F. D. A., & Soares, A. B. (2019). Diferenças nas práticas parentais de pais e mães e a percepção dos filhos adolescentes. *Estudos interdisciplinares em Psicologia*, 10(1), 59-82. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2019v10n1p59>
- Maia, J., Veríssimo, M., Ferreira, B., Silva, F., & Pinto, A. (2014). Modelos internos dinâmicos de vinculação: Uma metáfora conceptual?. *Análise Psicológica*, (3), 279-288. <https://doi.org/10.14417/ap.853>
- Marin, A. H., Martins, G. D. F., Freitas, A. P. C. D. O., Silva, I. M., Lopes, R. D. C. S., & Piccinini, C. A. (2013). Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: evidências empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(2), 123-132. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000200001>
- Mateus, T. I. S. (2016). *Relação entre os estilos e práticas parentais e saúde mental: um estudo com a população geral* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Algarve]. Sapientia. <http://hdl.handle.net/10400.1/9929>
- McNaughton, J., & Niedzwiecki, C. K. (2000). Gender differences in parent child communication patterns. *Journal of Undergraduate Research*, 3, 25-32
- Monteiro, L. M. S., Veríssimo, M., Silva, F., Branco, I., & Santos, A. J. (2015). Os modelos internos dinâmicos analisados com recurso às narrativas de representação da vinculação em adultos. *Temas em Psicologia*, 23(2), 443-452. [10.9788/TP2015.2-15](https://doi.org/10.9788/TP2015.2-15)

- Olds, D. L., Sadler, L., & Kitzman, H. (2007). Programs for parents of infants and toddlers: recent evidence from randomized trials. *Journal of child psychology and psychiatry*, 48(3-4), 355-391. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2006.01702.x>
- Oliveira, E. A. D., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravello, T., & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia: reflexão e crítica*, 15(1), 1-11. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722002000100002>
- Perris, C., & Andersson, P. (2000). Experiences of parental rearing and patterns of attachment in adulthood. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 7(4), 279-288. [https://doi.org/10.1002/1099-0879\(200010\)7:4<279::AID-CPP260>3.0.CO;2-7](https://doi.org/10.1002/1099-0879(200010)7:4<279::AID-CPP260>3.0.CO;2-7)
- Pinhel, J., Torres, N., & Maia, J. (2009). Crianças institucionalizadas e crianças em meio familiar de vida: Representações de vinculação e problemas de comportamento associado. *Análise Psicológica*, 27(4), 509-521. <http://hdl.handle.net/10400.12/255>
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2013). Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos em idade escolar: estudo com uma amostra portuguesa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(4), 381-391. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000400004>
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. D. (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em estudo*, 12(2), 247-256. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005>
- Quintal, M. S. F. (2021). *Os estilos parentais no bem-estar dos estudantes do ensino superior* [Dissertação de Mestrado, Universidade da Madeira]. DigitUMA. <http://hdl.handle.net/10400.13/3917>
- Reis, A. C. D. R. (2011). *Percepções de jovens em acolhimento residencial acerca dos seus estilos parentais futuros: o papel de variáveis individuais, da relação família-jovem acolhido e do acolhimento*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE. <http://hdl.handle.net/10071/4140>
- Relvas, A. (2000). *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica*. (2ª ed). Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A. P. (2000). *Por detrás do espelho: Da teoria à terapia com a família*. (2ª ed). Coimbra: Quarteto Editora.

- Rothrauff, T. C., Cooney, T. M., & An, J. S. (2009). Remembered parenting styles and adjustment in middle and late adulthood. *Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 64(1), 137-146. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbn008>
- Safdar, S. , & Zahrah, S. M. (2016). Impact of Parenting Styles on the Intensity of Parental and Peer Attachment: Exploring the Gender Differences in Adolescents. *American Journal of Applied Psychology*, 4(2), 23-30. 10.12691/ajap-4-2-1
- Santos, R. G. D. (2012). *As práticas educativas parentais: percepções de pais e filhos*. [Dissertação de Mestrado, Universidade da Madeira]. DigitUMa. <http://hdl.handle.net/10400.13/713>
- Santos, S. M. D. (2017). *Os estilos parentais e a qualidade de vida da criança*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada de Lisboa]. Repositório das Universidades Lusíada. <http://hdl.handle.net/11067/3694>
- Sotto Mayor, I. M. B., & Piccinini, C. A. (2005). Relacionamento conjugal e depressão materna. *Psico*, 36(2), 1.
- Steinberg, L. (2001). We know some things: Parent-adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of research on adolescence*, 11(1), 1-19. <https://doi.org/10.1111/1532-7795.00001>
- Tralhão, F., Rosado, A. F., Gil, E., Amendoeira, J. A., Ferreira, R., & Silva, M. (2020). A família como promotora da transição para a parentalidade. *Revista da UI_IP Santarém-Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém*, 8(1), 17-30. <https://doi.org/10.25746/ruiips.v8.i1.19874>
- Wamoyi, J., Fenwick, A., Urassa, M., Zaba, B., & Stones, W. (2010). Parent-child communication about sexual and reproductive health in rural Tanzania: Implications for young people's sexual health interventions. *Reproductive health*, 7(6), 1-18.
- Wang, Q., & Peterson, C. (2014). Your earliest memory may be earlier than you think: Prospective studies of children's dating of earliest childhood memories. *Developmental Psychology*, 50(6), 1680-1686. <https://doi.org/10.1037/a0036001>
- Weber, L. N. D., Brandenburg, O. J., & Viezzer, A. P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, 8(1), 71-79. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712003000100010>

Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: reflexão e crítica*, 17(3), 323-331. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300005>

Weber, L. N. D., Selig, G. A., Bernardi, M. G., & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações: Transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 16(35), 407-414. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300011>